



**SOL, VENTO,  
HIDROGÊNIO...**

**A BUSCA DE  
ALTERNATIVAS  
ENERGÉTICAS**

## **Editorial**

*No evento que discutiui, na Unisinos, na semana passada, a crise do mundo do trabalho e a economia solidária, José Luis Coraggio, Reitor da Universidade Nacional General Sarmiento, com sede em Buenos Aires, levantava a urgente questão da necessidade da mudança do estilo de vida e de consumo, hoje, para a construção de uma sociedade sustentável. Mudar o estilo de vida e de consumo implica necessariamente mudança da matriz energética. Ou seja, a crise do nosso estilo de vida e do nosso modelo de consumo está organicamente relacionada com a crise da matriz energética sobre a qual estes se constroem. A discussão da mudança radical da matriz energética sobre a qual construímos a nossa civilização é o tema de capa deste boletim.*

*A sempre oportuna voz de J. W. Bautista Vidal, engenheiro e físico brasileiro, com uma larga folha de serviços prestada à causa de pensar alternativas energéticas, a partir do potencial de um país tropical como o nosso, a entrevista do físico italiano, Carlo Rubbia, prêmio Nobel de Física, a entrevista de J. Rifkin e a resenha do seu livro, recentemente publicado no Brasil sobre o hidrogênio como fonte alternativa de energia, capaz de substituir o petróleo e a entrevista com o colega da Unisinos, Prof. Dr. Mário Macagnan,*

*professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, abordam, sob olhares diferentes e de maneiras não unívocas, a busca de alternativas para a crise energética do mundo atual. Trata-se de um debate fascinante e que tem um longo caminho a ser percorrido do qual não podemos nos eximir de participar. Este boletim quer ser, ainda que modesta, contribuição neste debate que não termina aqui.*

*Tendo em conta a particularidade do mês de julho, o boletim **IHU On-Line** estará de recesso nestas duas próximas segundas-feiras. Assim, ele voltará a circular, normalmente, no dia 28 de julho, segunda-feira.*

*A todos e todas uma ótima leitura!*

## **“O BRASIL PODE SUPRIR DE ENERGIA O RESTO DO MUNDO”**

### **Entrevista com José Walter Bautista Vidal**

***IHU On-Line** conversou com José Walter Bautista Vidal, engenheiro nascido na Bahia e formado em Santiago de Compostela Espanha, com pós-graduação em Física pela Universidade de Stanford (EUA). Foi professor universitário, secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, secretário de Tecnologia Industrial e principal implementador do Programa Nacional do Alcool. Atualmente presta consultoria a diversos organismos internacionais e nacionais. É autor de numerosos livros, entre os quais citamos **Poder dos Trópicos - Meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira**. Editora Casa Amarela, São Paulo: 1998 e **Brasil, civilização suicida**. Nação do Sol, Brasília: 2000.*

**IHU On-Line – Quais seriam os aspectos mais nocivos de o petróleo ter um lugar tão central nas nossas economias?**

**Bautista Vidal** – Quem impôs o uso extensivo desse combustível foram os países hegemônicos que são muito pobres de energia. Todos eles ficam situados em regiões temperadas e frias, do hemisfério norte, e por isso não têm sol. Então eles partiram para uma alternativa menos indicada. O petróleo e o carvão mineral são combustíveis fósseis e não são renováveis, eles acabam. Impor ao mundo uma forma energética extensiva que acaba é um projeto suicida. Nós estamos vivendo agora o fim dessa era, por isso o mundo está em guerra. Já invadiram o Iraque, agora vem o Iran, vem a Líbia. Podemos dizer que estamos em plena guerra mundial, porque o mundo todo depende do petróleo, como potência nuclear. Além disso, como são fósseis, levam centenas de milhões de anos para se formar, eles se contaminam de enxofre, de fósforo, e provocam efeitos poluidores, além do terrível efeito estufa. Formam-se captando o CO<sub>2</sub> do ar através da fotossíntese das plantas, e os microorganismos vegetais e animais, quando queimados, devolvem, em uma ou duas gerações, o que levou centenas de milhões de anos para se formar, retirando CO<sub>2</sub>. Acontece, então, esse terrível efeito estufa, que resulta do CO<sub>2</sub> acumulado na atmosfera, que não consegue escapar para o espaço vazio, restando o calor na proximidade da terra. Isso eleva a temperatura. São dois efeitos devastadores. Um é um projeto suicida; o outro é altamente contaminante, ao contrário das formas renováveis limpas, captadas diretamente do sol, da fotossíntese das plantas, que forma o que se chama biomassa. Essas formas existirão enquanto existir sol e água. Não acaba como os combustíveis fósseis. Não é um projeto suicida o seu uso. Eles não têm contaminações, são puros. O CO<sub>2</sub> que eles tiram, devolvem-no de forma limpa. O girassol, por exemplo, leva dois meses. As vantagens são absurdamente superiores às desvantagens dos combustíveis fósseis. Graças a Deus, estamos no fim dessa era. Só que a humanidade vai pagar um preço

descomunal, porque tudo gira em torno dos combustíveis fósseis, e o poder militar quer continuar dominando o mundo através do controle dessas formas fósseis.

***IHU On-Line* – O Sr. falou em uma entrevista que lamentava como Cuba, com as grandes conquistas sociais que havia tido, não soubesse aproveitar as suas riquezas energéticas. O Sr. acompanhou o debate cubano em relação a essa questão?**

**Bautista Vidal** – O caso de Cuba é muito especial. Cuba é uma ilha tropical, grande parte plana, com bastante água, e com condições de produzir energia renovável e limpa. É um grande produtor de açúcar, e poderia ser produtor de álcool também. Entretanto, toda a economia de Cuba está fundamentada no petróleo. Até para produzir energia elétrica os cubanos usam combustível fóssil. Por outro lado, toda a sua economia depende da exportação de açúcar para poder comprar petróleo. Cuba tem dependências terríveis. Uma delas é ter que produzir e exportar açúcar para poder comprar petróleo. Eu não estou me referindo à época em que a União Soviética comprava e dava o petróleo. Isso já acabou, é coisa do passado. Inclusive, no meu entender, fez mal a Cuba, porque deixou de resolver o seu problema e quando a União Soviética “tirou o seu tapete”, Cuba ficou numa situação desesperadora. Metade das suas terras, destinadas à produção de açúcar, ficaram sem produzir, porque não havia comprador. O fato de vender açúcar para comprar petróleo depende das bolsas internacionais, do mundo capitalista, quando Cuba podia resolver seu problema internamente através da biomassa.

***IHU On-Line* – E por que o Sr. acha que não se toma esse caminho?**

**Bautista Vidal** – Convidaram-me para ir a Cuba. Eu aceitei, condicionado a conversar com o Comandante Fidel Castro essas questões. Conversei com praticamente todos os ministros da área econômica, mas o Comandante não apareceu, o que me deixou muito desgostoso. Argumentaram que ele estava se preparando para falar. Isso já faz dois anos e meio e nunca aconteceu. Cuba está voltando àquela questão do turismo, à prostituição, e a sua dependência energética é muito séria assim como a do açúcar. Há alguma coisa que impede Cuba de procurar o seu próprio caminho. Eu lamento que Fidel, ainda em vida, não possa dar a verdadeira independência a Cuba, que é a autonomia energética com as formas renováveis e limpas dos trópicos. Cuba tem todas as condições para fazê-lo. Cuba pode manter uma sociedade de 30 milhões de habitantes, baseada numa forma energética própria semelhante à da Europa. Os cubanos são apenas 13 milhões. Então Cuba tem tudo para se libertar energeticamente e não o fez até hoje, o que me deixa muito traumatizado. Evidentemente, é mais fácil fazer isso em Cuba, que não tem banqueiros internacionais, que não tem transnacionais com interesses próprios, do que fazer isso no Brasil. Vejo a solução da autonomia energética de Cuba como um caminho para demonstrar que o Brasil pode fazer isso com muito mais folga e muito mais potencial.

***IHU On-Line* – O que deveríamos fazer para poder aproveitar a energia solar, qual seria o primeiro passo?**

**Bautista Vidal** – Na energia solar direta, suas aplicações são limitadas e caras, porque é preciso utilizar células solares, que são areia e silício fundido. Gasta-se uma energia tremenda para captar. A maneira que a natureza nos oferece é a captação pela fotossíntese das plantas. A folha capta essa energia numa reação química endotérmica, utilizando como ingredientes a água e o CO<sub>2</sub> do ar. Os hidratos de carbono se formam, a partir da captação da energia solar e com esses dois ingredientes. Esse é o caminho mais indicado, mais sábio, oferecido pela natureza. Através dele, o Brasil pode suprir de energia sólida, líquida e gasosa o resto do

mundo para sempre, utilizando a energia solar e a sua abundância de água, além das grandes extensões de terra disponíveis.

***IHU On-Line – Como o Sr. vê a possibilidade de energia, a partir do hidrogênio?***

**Bautista Vidal** – Hidrogênio não é uma fonte de energia no planeta Terra. Existe hidrogênio na formação da água, mas retirar da água, deve ser feito por eletrólise, e se gasta uma energia mais nobre que a elétrica, quando o hidrogênio produz calor, que é uma forma degradável de energia. Existe hidrogênio no sol. É por isso que o sol transforma hidrogênio em hélio e nos dá essa quantidade gigantesca de energia. Isso é o que transforma as regiões tropicais em regiões que podem resolver os problemas energéticos do mundo futuro. Não se armazena energia elétrica. Armazenam-se hidratos de carbono, a partir dos quais se tem energia. Na Floresta Amazônica, há um armazém gigantesco de energia sob a forma química, que é a celulose. A energia elétrica se pode obter de origem hídrica, cuja origem, por sua vez, é o sol. A energia hídrica provém da evaporação da água pela energia solar e depois essa água cai nas elevações e provoca as quedas d'água. A energia hídrica é a energia do sol, têm a mesma origem e não têm nada a ver com o hidrogênio, que é apenas um vetor energético. É claro que países que não têm abundância solar ficam falando sobre essa questão do hidrogênio, que é falsa. Isso não resiste a dez minutos de discussão. É absurdo considerar o hidrogênio a solução energética do planeta Terra. Eu lamento profundamente que a grande imprensa, porque é paga com dinheiro, fica divulgando essas questões do hidrogênio, porque cria uma deformação brutal, que não se explica. Enquanto as leis e os princípios da termodinâmica continuarem e não deslocarem o sol para Nova Iorque, a solução do sol é a das regiões tropicais e ponto final. Não há como brincar com essas coisas que estão fundamentadas na ciência e nos princípios da termodinâmica.

***IHU On-Line – Qual é o maior problema do atual Governo?***

**Bautista Vidal** – Eles insistem em colocar toda a questão do desenvolvimento nas questões financeiras, de uma moeda falsa, pois de cada dez dólares apenas um tem lastro, e não nas formas energéticas renováveis e limpas. E não olhar para o mundo concreto dos trópicos, e não olhar para suas enormes potencialidades. Querem insistir em formas que não têm nenhuma consistência com o mundo concreto. Podemos dizer que é quase um modelo esquizofrênico do domínio do dinheiro, que é uma simbologia falsa. Hoje se transformou, porque não tem lastro, não tem fundamento na energia, na terra, na água, no trabalho do homem, e sim em visões arbitrárias sem nenhuma consistência com o mundo real, concreto. O mundo caminha numa direção muito perigosa. A Alca é exemplo disso. É uma regra absurda em que eles mantêm seus privilégios, seus subsídios absurdos em torno das vantagens comparativas da agricultura e da energia. Como nós vamos viver num mundo em que nossas vantagens comparativas não são consideradas e a do competidor sim? A legislação americana é violentíssima. Antes de a Alca surgir, eles já estão garantindo seus privilégios, em relação aos EUA, a União Européia e o Japão. Não se trata de competição. Trata-se de imposição. É uma anexação desigual, colonial. A Alca é um desastre! É o fim da sobrevivência dos países da América Ibérica.

Estamos num país que vive da sua própria riqueza. Na hora em que um elemento essencial da riqueza mundial, que é a energia, é desconsiderada e são tomadas fórmulas energéticas não renováveis e porcas, o mundo está caminhando para uma direção desigual, absurda. O Brasil poderia caminhar numa direção mais tranqüila, com formas renováveis, limpas, acabar com essa história do efeito estufa, dar aos povos que são pobres de energia, as condições de sobrevivência, e aí eu incluo os próprios EUA, que têm petróleo em seu território por mais apenas quatro anos. É um país muito pobre de energia e sem ela não há possibilidade de

sobrevivência. E eles querem resolver o problema, tomando as formas energéticas dos outros. Por enquanto as formas fósseis, e depois, as formas renováveis da Amazônia, dos trópicos. Infelizmente a sociedade colonizada brasileira aceita essa regra do jogo. Vamos continuar colônia e estamos caminhando para a ruína, como a Argentina, o México e todos os outros. Nós não temos mais moeda própria. A moeda é omitida por oligarquias mundiais.

**IHU On-Line – Como foi a experiência do Proálcool? Esse projeto teria uma potencialidade maior do que foi realizado...**

**Bautista Vidal** – Na verdade, o Proálcool é a pontinha de um imenso iceberg, e o Brasil é o único País das regiões tropicais que fez um projeto dessa natureza. Nós substituímos os carros a álcool numa proporção que chegou a 98%. O projeto foi destruído porque se transformou em um sucesso mundial. Só que o programa não tem outra solução. Ou se usam as formas de energia renováveis e limpas, ou o mundo vai entrar num colapso. O mundo não tem alternativa. A reação do material radioativo plutônio, com seis quilos mata a humanidade inteira. Ninguém sabe o que fazer com os resíduos deste plutônio, produzido pelas bombas, neste processo absurdo do uso de combustíveis radioativos.

## “O FUTURO ESTÁ NO SOL”

*Reproduzimos a íntegra da entrevista de Carlo Rubbia, físico italiano e Prêmio Nobel de Física de 1984, publicada no jornal italiano **La Repubblica**, em 17 de junho de 2003. A tradução foi feita pelos colegas do CEPAT, aos quais agradecemos.*

Carlo Rubbia faz parte do Grupo de Alto Nível convidado a estudar e propor à Comissão Europeia uma estratégia para o hidrogênio e as câmaras de combustível. Dezenove especialistas europeus, de instituições públicas e grandes empresas privadas (Shell, Rolls-Royce, Renault, Daimler-Chrysler, Siemens, Solvay etc.), reuniram-se para produzir em seis meses uma pequena obra de quatorze páginas que delinea “o nosso futuro”. Rubbia é presidente da Enea (Entidade Nacional de Energia e Ambiente da Itália), prêmio Nobel (1984, física) e um cientista perspicaz que mantém o gosto pela provocação.

**La Repubblica: Professor Rubbia, o senhor acredita nesta revolução?**

**Rubbia:** Acredito firmemente. Mas os governos também devem acreditar. Isto significa que é preciso investir, e investir muito na pesquisa. Cito um dado que me parece significativo: no mundo atual, apenas 0,9 por cento do total do dinheiro investido na pesquisa é destinado à energia, cerca de 13 por cento são gastos em computadores e em remédios. Pior do que isso só a pesquisa sobre o fumo e as bebidas, com 0,8 por cento. Veja bem: fumo e bebidas. Se a situação continuar assim, a revolução do hidrogênio não acontecerá tão fácil e rapidamente.

**La Repubblica: Mas, professor, algum dinheiro está sendo investido: 2,1 bilhões de euros não é pouco.**

**Rubbia:** Ouvi com atenção as intervenções de Prodi, de de Palacio, de Busquin e do americano Abraham. Fiquei satisfeito e agora tenho a impressão de que a pesquisa sobre o hidrogênio é realmente levada a sério. Eles enfatizam sobretudo a complementaridade política que orientará a pesquisa: de um lado os Estados Unidos que, parece claro, não têm nenhuma intenção de abandonar o petróleo e o gás, mas preferem usá-los para produzir hidrogênio e investir em tecnologias que apostam na captura e depois na captura do CO2 produzido; do outro a Europa, que tem uma concepção mais refletida e ambientalista do problema e tende a chegar à

produção de hidrogênio passando sobretudo pelas fontes energéticas renováveis, como o vento e o sol, sem emissão de CO<sub>2</sub>. São filosofias diferentes e situações economico-energéticas diferentes. Mas o importante é que os dois estão fazendo pesquisa para chegar a uma produção de hidrogênio a custos suportáveis.

**La Repubblica: De qual concepção o senhor se sente mais próximo?**

**Rubbia:** Acredito que extrair hidrogênio do gás ou do petróleo e depois capturar CO<sub>2</sub> é uma coisa muito complicada.

**La Repubblica: Portanto, o senhor se inclina pela via europeia para o hidrogênio?**

**Rubbia:** Acredito no sol. Países como Itália, Grécia, Portugal e Espanha devem acreditar nas tecnologias associadas ao sol que proporcionam sistemas de alta eficiência, em torno de 50 por cento. Existem problemas, evidentemente, e a tecnologia deve solucioná-los: é preciso, por exemplo, atenuar a taxa de variabilidade dos dias sem sol. Mas este é um limite que não vale em territórios desérticos como o Saara.

**La Repubblica: Voltemos ao hidrogênio, professor.**

**Rubbia:** E ao sol, as duas coisas estão interligadas. Desenvolvemos uma nova tecnologia que se baseia nos espelhos solares. Uma parábola de espelho com 13,2 metros quadrados capta os raios solares e os faz convergir, a temperatura chega até 1.000 centígrados, depois se posiciona sobre um automóvel que tem as câmaras de combustível com uma membrana especial em seu interior, e eis que produzimos hidrogênio. Observo que 13,2 metros quadrados é o espaço que ocupa um automóvel em repouso, portanto bastaria construir estacionamentos com espelhos solares. Este não é também um caminho promissor que leva ao hidrogênio?

**La Repubblica: Caminhos que levam ao paraíso do hidrogênio não existem muitos. Às vezes temos a impressão de que nos encontramos diante de um jogo de cientistas ou de uma manobra que os políticos inventam para obter consenso. Por enquanto só a Islândia, uma terra única no que se refere a recursos energéticos e a distribuição da população, fez algo de concreto inaugurando o seu distribuidor público de hidrogênio em Reykjavik.**

**Rubbia:** Não é um jogo. Os números são eloquentes e permitem entender porque o encontro de Bruxelas é uma etapa importante para resolver o problema: hoje, para produzir energia são consumidos 75 bilhões de barris de petróleo, em 2010 serão necessários 96 bilhões de barris e em 2020 eles saltarão para 115 bilhões. As emissões de anidrido carbônico em 2020 aumentarão 60 por cento. O futuro do mundo depende de três possibilidades: produzir hidrogênio de carbono e óleo e capturar o CO<sub>2</sub> emitido, a via americana; o recurso nuclear, com atenção especial para a fusão, embora o caminho a percorrer ainda seja longo; e as fontes energéticas alternativas, entre as quais as renováveis. Esta é a situação. Isso parece um jogo?

## **DA ERA DO PETRÓLEO PARA A ERA DO HIDROGÊNIO?**

### **H<sub>2</sub> – UMA ALTERNATIVA?**

*Traduzimos e publicamos, na íntegra, a entrevista de Jeremy Rifkin, publicada na revista semanal alemã **Freitag**, em 22 de novembro de 2002. Rifkin é considerado um 'thinker', denominação que se dá a pensadores que influenciam políticas governamentais. É presidente da Foundation on Economics Trends de Washington, conselheiro da União Européia, consultor e autor de vários livros. A sua última obra se intitula **The Hydrogen Economy: The Creation of the World Wide Energy Web and the Redistribution of Power***

on Earth, Ed. JP Tarcher, EUA, 2002, tendo como edição brasileira Jeremy RIFKIN, **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**, São Paulo: M.Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa a entrevista. A entrevista foi traduzida pelos companheiros do Cepat – Curitiba-PR, responsáveis também pelos subtítulos. Sobre Jeremy Rifkin, publicamos uma entrevista na edição número 51, de 17 de março de 2003, páginas 12-13.

**Freitag - Sr. Rifkin, nos últimos anos, o Sr. afirmou que o trabalho vai acabar, alertou contra os perigos de uma técnica genética comercializada e, por fim, proclamou o fim da propriedade. O que está por vir agora?**

**Jeremy Rifkin** - Penso que existem três grandes crises que ameaçam a humanidade no futuro próximo. A primeira crise é o aquecimento global. Na Europa Central, tivemos enchentes recordistas, nos EUA uma seca recorde e queimadas de florestas em dimensões incríveis. A segunda crise global é o crescente abismo entre pobres e ricos. O terceiro problema é de mais curto prazo e diz respeito ao Oriente Próximo e ao Oriente Médio. E, o que foi ignorado até o presente: essas três crises estão interligadas. Quanto ao petróleo, basta pensar no Iraque.

**Freitag - Mas ali não estão em jogo as armas de destruição em massa que se produzem e a questão de seu controle?**

**Rifkin** - Essa é apenas a razão oficial. Obviamente se silencia a respeito do fato de que, depois da Arábia Saudita, o Iraque possui a segunda maior reserva de petróleo do mundo. Também a pobreza no Terceiro Mundo tem a ver com o petróleo. O preço do petróleo subiu nos anos setenta e nunca mais voltou a ser barato, o que lançou os países em desenvolvimento na armadilha das dívidas. Contudo também está claro que o problema do petróleo vem se tornando cada vez mais dramático. Por um lado, dois terços das reservas de petróleo e gás se encontram no Oriente Médio. Por outro, é previsível que o auge do bombeamento em breve será ultrapassado.

**Freitag - O Sr. não está exagerando um pouco?**

**Rifkin** - Os pessimistas entre os geólogos afirmam que o 'pico', ou seja, o máximo do bombeamento será atingido já em 2010. Os otimistas pensam que ele ainda durará até 2030. Mais cedo ou mais tarde, estaremos nos aproximando do fim da era dos combustíveis fósseis. Hoje, portanto, há necessidade de uma profunda discussão sobre qual será a próxima matriz energética e como queremos dar conta da mudança.

**Era do hidrogênio?**

**Freitag - O Sr. reivindica que nos preparemos para uma era do hidrogênio. Por que justamente hidrogênio, e não outras fontes de energia renovável como a força hídrica, a energia solar ou a biomassa?**

**Rifkin** - O problema é que não se consegue armazenar energia elétrica. Portanto, se não brilhar o sol, não correr água e não soprar o vento, tampouco teremos energia – como observamos no ano passado no Brasil, que confia predominantemente na força hidrelétrica. Logo, não se pode ter uma sociedade com energia renovável, quando não se tem um armazenador de energia. Essa tarefa pode ser assumida no futuro pelo hidrogênio, porque está disponível na proporção desejada. A única desvantagem é que precisamos tornar o hidrogênio disponível – ou a partir de combustíveis fósseis, do gás ou da água. Pleiteio em favor da água. Eletrifica-se a água, de modo que o hidrogênio seja separado do oxigênio. O hidrogênio assim obtido, pode ser armazenado e transformado em energia, sempre que necessário. Isso tem três grandes vantagens: células de energia são eficazes, a energia é gerada localmente, e tudo o que resta

dessas células de combustível é água e calor. As desvantagens são que para isso precisamos duas vezes de eletricidade e que essas células de combustível de hidrogênio hoje ainda são muito caras.

**Freitag - Isso soa como se ainda estivéssemos muito distantes de um uso eficaz.**

**Rifkin** - Não necessariamente. Atualmente, há no mundo inteiro 850 empresas que apostam de alguma maneira no hidrogênio. A tecnologia do hidrogênio se encontra hoje no ponto em que a indústria da informática estava nos anos 80.

**Uso democrático?**

**Freitag - Como as grandes companhias de petróleo se posicionam diante do hidrogênio?**

**Será que são simpáticas a essas 850 empresas?**

**Rifkin** - Há muito tempo a *BP* (*British Petroleum*) e a *Shell* se voltaram também para a energia renovável. O novo lema da *BP* é: Para além do petróleo [*Beyond Petroleum*]. Essas empresas têm departamentos de pesquisa próprios para o hidrogênio, registram patentes e licenciam novos procedimentos. Outras multinacionais como *Mobil* (Texaco) e *Esso* não acompanham o processo e se concentram em seu negócio principal, ou seja, petróleo e gás natural. Na indústria automobilística, a situação é diferente. Todas as empresas estão envolvidas com hidrogênio. Algumas empresas se empenham honestamente em prol do desenvolvimento sustentável, mas obviamente muitas apenas fazem RP (relações públicas). Em todos os casos, é tolice afirmar que, no capitalismo, não seria possível o desenvolvimento sustentável.

**Freitag - Suponhamos que células de combustível sejam a solução do problema energético. Não seria previsível que essas grandes empresas se apoderem da idéia e controlem o futuro mercado de energia e da eletricidade da mesma maneira como fizeram até aqui?**

**Rifkin** - Obviamente a economia segue seus próprios planos: visa a produzir células de energia e depois também faturar com a manutenção e o funcionamento. Então conseguiremos somente a ligação à energia, pela qual, porém, teremos de pagar caro, como descrevi em meu penúltimo livro *A era do acesso* (São Paulo: Makron Books, 2001) em relação a outras esferas da vida. Nesse ponto, deveríamos aprender com a experiência da internet. Ambas as tecnologias fazem a promessa de uma democratização plena, mas é uma questão de controle. Foi por isso que escrevi esse novo livro. Não é o primeiro livro sobre a tecnologia do hidrogênio. Mas é o primeiro que diz como organizamos essa nova tecnologia em termos práticos: simplesmente colocamos nossa célula de combustível de hidrogênio em nossa casa ou empresa e produzimos nossa própria energia elétrica. E se um número suficiente de consumidores fizer isso, eles também poderão enviar energia para as redes e abastecer-se mutuamente.

**União Européia: maiores chances de sair na frente**

**Freitag - Isso soa bastante utópico. Afinal, são necessárias estruturas muito dispendiosas para coordenar tudo. Como funcionaria?**

**Rifkin** - O melhor seria a organização em cooperativas. É por isso que, nessa questão, aposto na Europa. Atualmente, já existem aqui cooperativas locais de energia elétrica organizadas. No futuro, elas deverão ser proprietárias das células e negociar com aqueles que administram a rede elétrica. Assim seria viável uma parceria mútua para vantagem de todos: a economia poderá desenvolver a tecnologia e construir as redes de tal maneira que sejam disponíveis de forma descentralizada. E os consumidores finais dispõem de energia elétrica barata, local e ecologicamente favorável.



### Os Estados Unidos

**Freitag - Nas últimas décadas, foram sempre os EUA que providenciaram a mudança tecnológica. Não seria improvável que a revolução do hidrogênio, proclamada pelo Sr. aconteça primeiramente na Europa?**

**Rifkin -** Gostaria que os EUA cuidassem dessa questão. Temo, porém, que meus conterrâneos a executariam em termos puramente comerciais. Por isso aplaudo o fato de que a Europa agora está assumindo a liderança na questão do hidrogênio. A União Européia está mais fortemente orientada para o consenso na sociedade e a aceitabilidade social. Aqui se descortina uma grande oportunidade de interligar a sociedade civil e uma possibilidade comercial, a fim de alicerçar uma sociedade sustentável. Isso, então, seria, de fato, a concretização do “poder para o povo”, nosso lema dos anos sessenta.

**Freitag - Como político, o Sr. provavelmente teria mais facilidade de colocar suas idéias em prática. O Sr. nunca pensou em mudar de carreira?**

**Rifkin -** Nunca fui um político e também jamais o serei. Minha esposa diz: “Você não conseguiria sê-lo”. Porém, sendo honesto e confidenciando apenas a nós: naturalmente também já sonhei, como muitos outros, me tornar presidente dos EUA. Mas, os últimos candidatos já foram todos mais jovens que eu. Não, não sou um político. Desde 1966, sou um ativista. Gosto de escrever livros.

**Freitag - Isso é difícil de acreditar. Na verdade, o Sr. gosta de se comunicar.**

**Rifkin -** Mas quero fazer isso à minha maneira. Além do mais gosto de idéias e dos tempos de reflexão.

**Freitag - Quanto tempo o Sr. reserva para isso? O ‘fim do emprego’, como o Sr. previu em um de seus últimos livros, provavelmente não pode ser esperado no caso do Sr., não é?**

**Rifkin -** Minha esposa sempre afirma que até mesmo no leito da morte lamentarei cada hora que não passei no escritório. Provavelmente ela tem razão. Estou com 57 anos e trabalho mais do que quando tinha quarenta. Naquele tempo, eu conseguia conversar tranquilamente e sair para almoçar com colegas. Às cinco da tarde, eu deixava o escritório, ia para a sauna ou piscina. Faz doze anos que não faço mais isso.

## UMA ALTERNATIVA PARA O MILÊNIO HIDROGÊNIO: MILAGRE ENERGÉTICO?

*Reproduzimos, na íntegra, a recensão do livro **L'Économie Hydrogène** (A Economia do Hidrogênio), de Jeremy Rifkin<sup>(1)</sup>, feita por Hervé Kempf e publicada no **Le Monde**, em 5 de dezembro de 2002. O livro foi publicado em português: **A Economia do Hidrogênio**. São Paulo: Makron Books: 2003. Esta recensão foi traduzida pelos colegas do Cepat – Curitiba-PR, como também os subtítulos são deles.*

“Pela primeira vez na história da humanidade, uma forma de energia inesgotável está à nossa porta”. Há muito tempo não se lia uma visão tão otimista do futuro. Os acentos utópicos de

<sup>1</sup> Sobre este livro conferir a entrevista do autor, ‘H2 – uma alternativa?’, publicada neste boletim. A leitura dessa entrevista auxilia a compreensão do presente artigo.

Jeremy Rifkin sobre um futuro energético fácil que abrem o caminho para uma nova democracia mundial, têm um sabor refrescante. Em tempos de morosidade com um fundo de histeria belicista americana, é bom que existam, ainda hoje, profetas da felicidade. Não se pode negar que o futuro de hidrogênio, que o autor de **O Século da Biotecnologia** (São Paulo: Makron Books, 1999) descreve, deixa no ar um certo ceticismo; por outro lado, o raciocínio no qual se apóia, é muito interessante e merece atenção.

### **Crise iminente das energias fósseis**

Rifkin parte da análise realizada por um grupo de geólogos independentes, como Jean Laherrère ou Colin Campbell, que predizem a vinda iminente de uma crise de abastecimento de petróleo (**Le Monde**, 5-09-2000): eles realmente notam que a descoberta de novos recursos de petróleo se efetua muito menos rapidamente do que o seu consumo. Nós estaríamos assim numa situação de declínio contínuo das reservas, e o pico da produção mundial de petróleo não iria acontecer em aproximadamente trinta anos, como as avaliações dominantes indicam, mas nos próximos quinze anos. Ora, a demanda mundial aumenta pela metade daqui a vinte anos. A crise é fatal. Entramos, pois, de acordo com Rifkin, num processo de elevação contínua dos preços do petróleo. O gás, cujas reservas são mais importantes que o petróleo, estaria na mesma situação com uma queda prevista para daqui a cerca de 15 anos, enquanto outros combustíveis, como o xisto betuminoso, largamente disponíveis, serão muito mais caros e poluentes. “É necessário sublinhar, observa com razão Rifkin, que as avaliações otimistas e as avaliações pessimistas só diferem entre si dez ou no máximo trinta anos”. Esta diferença é essencial: ela mede o tempo de adaptação que resta ao mundo para entrar num novo regime energético.

### **Diagnóstico...**

Um tempo que convém, para o autor, acelerar: pois dois elementos tornam a redução das reservas de petróleo perigosa. Por um lado, ele sublinha compreensivelmente, todos os especialistas “concordam com o fato de que o essencial das reservas restantes está no Oriente Médio”. Cresce constantemente a dependência com relação a uma região cujo ativismo muçulmano alimenta a instabilidade. Por outro lado, o crescimento do efeito estufa limita as possibilidades de recurso às reservas de carvão que são muito importantes, mas fonte potencial massiva de gás carbônico. Para Rifkin, esta configuração energética ameaça a própria existência da civilização. O exemplo do império romano é invocado, e Spengler e Toynbee são convocados: “Quando estes recursos se tornarem mais raros e mais difíceis de serem explorados, é provável que nosso sistema econômico e social seja abalado por uma série de deficiências orgânicas maiores, garante Rifkin. Estes processos se encadearão a um ritmo tal que nós não teremos tempo suficiente para colocar em prática um novo regime energético capaz de assegurar nosso futuro”.

### **... e solução**

O diagnóstico é claro e sintetiza eficazmente a situação energética atual. Mas Rifkin vai dali em diante descrever um futuro brilhante e abandona todos os obstáculos mais complicados. Seria suficiente, para entendê-lo, escolher o hidrogênio, o elemento químico mais abundante do universo, energético e não poluente: o remédio miraculoso, capaz de abrir as portas a uma sociedade democrática e descentralizada, à semelhança do modelo da Internet, visto que cada residência poderá, utilizando uma pequena central elétrica de hidrogênio doméstico, tornar-se autônoma energeticamente e se associar em rede com as outras residências.

### Questões ignoradas por Rifkin

Muito bonito. Demais, para ser verdade, pois Rifkin abandona o problema principal: para isolar o hidrogênio, é necessário gastar grandes quantidades de energia (ver, por exemplo, o dossiê sobre o hidrogênio da revista *La Recherche* de setembro de 2002). As energias renováveis serão suficientes para a tarefa nos prazos prescritos pelo autor? Ele finge acreditar nisso, mas não convence. Se é incontestável que a energia eólica, solar e as outras novas energias vêem a sua produção aumentar a uma velocidade impressionante, nós não encontramos sequer um especialista, mesmo entre os mais favoráveis a estas técnicas, afirmar que elas serão capazes de, nos próximos vinte anos, assegurar o consumo energético do Planeta. Da mesma maneira, Rifkin faz uma surpreendente omissão sobre a energia nuclear - dispensador de uma eletricidade que poderia ser empregada para produção de hidrogênio. Seria necessário explicar por que a energia nuclear não entra no painel.

Finalmente, e é sem dúvida o mais importante, Rifkin esquece completamente de falar das economias de energia: certamente, ele menciona o superconsumo dos Estados Unidos, e mais amplamente dos países do Norte. Mas sem em nenhuma parte indicar que o primeiro meio de aliviar a crise energética que se anuncia é entrar decididamente na eficiência energética, em lugar de se ver impor a escassez por meio de brutais aumentos de preços. Este esquecimento dificulta seriamente um ensaio a seguir o otimismo. Por falta de uma vara mágica, é necessário resolver viver num mundo energético sacudido por constrangimentos, esforços e poluição.

## O CLIMA QUE NOS ESPERA

*Dentro da temática das fontes de energia alternativa, reproduzimos o artigo escrito pelo jornalista Washington Novaes, com o título acima, e publicado no jornal O Estado de S. Paulo, no dia 4 de julho de 2003.*

Continuam preocupantes as informações na área de mudanças climáticas.

Na Rússia, o presidente Vladimir Putin anunciou que seu país "provavelmente" homologará o Protocolo de Kyoto - somando adesões suficientes para que entre em vigor -, mas ressaltando que o efeito será "insignificante", talvez nem sequer haja redução das emissões. E isso quer dizer que, além de Estados Unidos (maior emissor de gases poluentes, cerca de um quarto do total mundial), Austrália e outros países não homologarem o protocolo, pode já ter havido negociações de "direitos de emissão" que minimizem as reduções efetivas. Explica-se: o protocolo permite que um país que tenha reduzido suas emissões a partir de 1990 venda a outro país os direitos sobre parte dessas emissões, para que o comprador deduza de seu próprio inventário o volume negociado (para cumprir o protocolo) E como a Rússia, a partir de 1989, viu cair em cerca de 50% seu produto industrial, também reduziu fortemente suas emissões de poluentes, tem o que negociar.

Ao mesmo tempo em que a Rússia divulgava a notícia preocupante, nos Estados Unidos o jornal The New York Times (19/6) informava que o governo Bush censurou em relatório preparado pela Agência de Proteção Ambiental uma extensa parte que tratava dos riscos do aumento da temperatura no planeta.

Dizia essa parte que o aquecimento global é causado, ao menos em parte, pelo aumento da concentração de gases emitidos em razão de atividades humanas e pode comprometer a saúde humana e os ecossistemas. Também foi suprimida a menção a um estudo de 1999 segundo o qual a temperatura global subiu acentuadamente nas últimas décadas, comparada com a dos últimos mil anos.

Essa menção foi trocada por uma referência a outro estudo, financiado pelo Instituto Americano do Petróleo, que questiona essa conclusão. Mas a substituição provocou celeuma na agência e todo o tema acabou sendo eliminado.

Isso acontece no mesmo momento em que um estudo de um comitê de pesquisa da França, Bélgica e Espanha para a União Européia (World Energy, Technology and Climate Change Outlook) afirma (New Scientist, 24/5) que a concentração de dióxido de carbono na atmosfera vai dobrar em 30 anos. Em 2030, asseguram os pesquisadores, o mundo estará mais dependente de combustíveis fósseis (a principal causa das emissões) do que hoje e a participação de energias renováveis na matriz energética mundial estará declinando.

Diz o relatório que nas próximas três décadas as emissões de poluentes em função da matriz energética crescerão à média de 2,1% ao ano (hoje, 1,8% ao ano) e o uso de carvão vai dobrar, em decorrência da queda de preço, ao mesmo tempo em que aumentará o preço de óleo e gás mais eficientes. Nesse quadro, as fontes renováveis de energia cairão dos atuais 13% do total da matriz para 8% em 2030, inclusive por causa do esgotamento da lenha na África e na Ásia e sua substituição principalmente pelo gás. Também contribuirá para o quadro o deslocamento de populações rurais para áreas urbanas, onde o consumo de energia é maior (as cidades crescem hoje no mundo 160 mil pessoas por dia, é preciso lembrar).

Nessas três décadas, o consumo de energia nos EUA aumentará 50%; na Europa, 18%. China e Índia triplicarão suas emissões de CO<sub>2</sub> - mas, embora o volume total seja alto (esses dois países asiáticos, juntos, já têm cerca de 45% da população mundial), continuarão com emissões per capita abaixo dos países industrializados.

Não é tudo. Pesquisadores reunidos pela ONU em Berlim alertaram (O Globo, 5/6) que até aqui a concentração de gases poluentes também ajudou, paradoxalmente, a reduzir o efeito das radiações solares e o conseqüente aumento de temperatura; mas nas próximas décadas esse efeito benéfico se reduzirá drasticamente e o aumento da temperatura poderá ser maior que o calculado até agora (entre 1,4 e 5,8 graus centígrados neste século com o atual ritmo de emissões, segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - IPCC). "Precisaremos reduzir as emissões mais ainda", advertiu Will Steffen, da Academia Sueca de Ciências.

Mas não é o que está acontecendo. A própria ONU lembra que, nos países industrializados, só a União Européia reduziu emissões na década de 1990 (3,5%), enquanto os Estados Unidos aumentaram as suas em 14%, a Austrália em 18% e o Japão em 11%. Nesta década, até 2010, o aumento de emissões nesse conjunto de países estará em torno de mais 10%. Desde o fim da Idade do Gelo, mil gigatoneladas de carbono chegaram à atmosfera terrestre - 1 gigatonelada = 1 bilhão de toneladas. (Só em 2002, lembra o secretário paulista do Meio Ambiente, professor José Goldemberg, as emissões de carbono em conseqüência de desmatamento e queimadas no Brasil chegaram a 200 milhões de toneladas - o triplo das emissões por todos os usos energéticos no País.) Se a concentração de CO<sub>2</sub> realmente dobrar, adverte um estudo da Universidade de Stanford, publicado pela revista PNAS, uma em cada cinco espécies de flores selvagens poderá desaparecer, com conseqüências muito fortes nas cadeias da biodiversidade. Aqui mesmo, no Brasil, estudos da Unicamp, mencionados pelo professor Eduardo Assad, já mostram que aumentos localizados de temperatura no Estado de São Paulo estão afetando as culturas de café exatamente por impedirem que a floração se complete - o que provavelmente exigirá seu deslocamento para regiões mais altas.

É possível que, em algum ponto do futuro, sejam adotadas nos países que mais emitem gases poluentes tecnologias capazes de evitar ou minimizar a emissão.

Mas, por ora, as que já estão disponíveis não são incorporadas em larga escala por seu custo maior ou pelas implicações econômico-comerciais (caso de carros híbridos, já comentado neste

espaço, que reduziriam fortemente o lucro por unidade para a indústria automobilística dos EUA).

O que espanta mesmo é que num país como o Brasil, com possibilidade de ter uma matriz energética muito mais adequada, com a incorporação de formatos alternativos, o tema pouco freqüente a pauta governamental. Por ora, com um nível de emissões per capita relativamente baixo (no total, 3% das emissões globais, para 3% da população planetária) e sem obrigações estabelecidas pelo Protocolo de Kyoto até 2010, o Brasil está a salvo de críticas e pressões. Mas não escapará a elas se não conseguir reduzir o desmatamento e as queimadas na Amazônia.

## O GOVERNO TEM POUCO INVESTIMENTO EM ENERGIAS ALTERNATIVAS

### Entrevista com Mário Macagnan

*Ainda sobre as energias alternativas, IHU On-Line conversou brevemente com o Prof. Dr. Mário Macagnan, professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Macagnan é Doutor em Engenharia de Telecomunicações pela Universidad Politécnica de Madrid, Espanha, com tese titulada Caracterização da radiação solar para aplicações fotovoltaicas no caso de Madrid, defendida em 1993.*

#### **IHU On-Line- Qual a experiência com uso de energia solar na pesquisa na Unisinos?**

**Mário Macagnan** – Nós trabalhamos a parte de energia solar fotovoltaica, que é o uso da luz solar para produzir eletricidade, basicamente para bombeamento de água. Tentamos encontrar formas de maximizar o rendimento dos sistemas. Através de equipamentos de estudos de otimização de sistemas para aplicações domésticas e meio rural, irrigação e consumo. Montamos um laboratório, para isso tivemos que construir um prédio pequeno atrás do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, porque o Campus é bem interessante no sentido ecológico, mas tem muito poucos lugares com sol. Temos oito painéis que recebem a radiação do sol e transformam-na em corrente contínua. Com isso alimentamos qualquer carga contínua de 12 ou 24 volts. Temos também um sistema que não está instalado ainda, mas que vai transformar essa energia de baixa tensão e corrente contínua em corrente alternada para alimentar qualquer outra carga.

#### **IHU On-Line- Em que casos hoje se usam formas de energia alternativa?**

**Mário Macagnan** – Num lugar isolado, onde o custo para estender a rede elétrica é muito alto, o consumo vai ser muito baixo, e a concessionária não tem interesse em implantar a rede elétrica, porque o retorno vai ser pequeno. Aí a solução seria fazer um sistema alternativo, por exemplo, de energia solar fotovoltaica associado à energia eólica num sistema híbrido: quando houver vento se usa energia eólica e quando houver sol, energia fotovoltaica. Mas essa tecnologia é importada, e o custo é alto.

#### **IHU On-Line- Mas não seria uma solução para todo o prejuízo que traz o tipo de energia que usamos com construção de barragens, etc?**

**Mário Macagnan** – A matriz energética do Brasil hoje, 80% ou 90% é de origem hídrica. Essa é uma energia renovável que muitos países não têm. Por exemplo, a França tem quase 100% de sua energia elétrica gerada por energia nuclear. Hoje as formas de obtenção de energia hidráulica são complicadas, porque não há como construir grandes reservatórios sem alagar grandes quantidades de terra, o que gera deslocamentos de pessoas, indenizações, e o custo é alto. Se por um lado, para consumir energia, as barragens têm um investimento extremamente

elevado; por outro lado, pagam-no a longo prazo. Se instalo energia alternativa, todo o custo vai ser meu e durante muitos anos estarei pagando esse investimento.

**IHU On-Line- E se pensarmos a energia solar não como instalações isoladas, e sim como sistema de energia para o País?**

**Mário Macagnan** – Jamais a energia solar será uma substituição de todas as fontes, ela tem seus problemas. É uma das alternativas. Nos períodos noturnos, e quando não houver sol, não haveria produção. Não há uma oferta constante. Para resolver isso o melhor é combinar com um outro sistema que consiga, nesses momentos, gerar energia. A eólica é um deles. A questão da fotossíntese, a biomassa é perfeitamente utilizável. O problema da queima, da combustão é que o CO2 é poluidor do ambiente. Hoje buscam-se outras formas alternativas de construir as células solares, utilizando outras tecnologias para que o rendimento delas seja maior. Acredito que nas próximas décadas se avance muito nesse sentido.

**IHU On-Line- A energia do Hidrogênio seria uma solução?**

**Mário Macagnan** – Alguns anos atrás só se falava nisso como a solução para a maioria dos problemas. O hidrogênio passa a ser um combustível como qualquer outro. Ele também pode produzir problemas ambientais bastante grandes, pois é altamente explosivo. Tanto a energia eólica quanto a solar apresentam a dificuldade de que o ar e o sol não são concentrados, a hídrica pode ser gerada da concentração da água num lago, a nuclear já é concentrada. A eólica e a solar estão diluídas, têm que ser captadas. Existem estudos de que se substituimos todo o lago do Itaipu por painéis solares, teríamos uma produção de energia superior às geradas pelas turbinas de Itaipu. Nesse caso, o problema é a demanda, que deve ser atendida de alguma forma. As energias alternativas geram a dúvida para o usuário se elas vão atender naquele momento o que ele precisa. Estamos em evolução vai ser mais ou menos rápido em função das questões comerciais envolvidas. Quando o Governo investe dinheiro em pesquisa, os resultados são bastante rápidos, quando não há investimento é o contrário. Na década de 70, quando se começou a falar da crise do combustível, o desenvolvimento da energia solar foi rápido, numa década se conseguiu muita coisa, depois com a questão da volta da oferta do petróleo, as pesquisas diminuíram e assim continua até hoje.

**“KIRCHNER ESTÁ NOS SURPREENDENDO”**

**Entrevista com José Luis Coraggio**

*José Luis Coraggio é Reitor da Universidade Nacional General Sarmiento, em Buenos Aires, Argentina. Pós-doutor em Ciência Regional pela Universidade de Pennsylvania, EUA. Especialista em Problemas de Desenvolvimento Econômico e estudos de economia pela Universidade de Buenos Aires; pesquisador e professor em diversos centros e universidades de Argentina, México, Nicarágua, Equador e EUA. É autor ou organizador de numerosos livros, entre os quais citamos **Desenvolvimento Humano e educação: o papel das ONGs latinoamericanas na iniciativa da educação para todos**. São Paulo: Cortez, 1999. Atualmente trabalha temas de economia popular urbana e política social. Coraggio concedeu a seguinte entrevista a **IHU On-Line** enquanto participava do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho, realizado na Unisinos na semana passada, de 1º a 3 de julho. José Luis Coraggio participou da mesa-redonda **Alternativas associativas e autogestionárias de organização econômica e social**, juntamente com Jean-Louis Laville e Inácio Neutzling. A mesa foi coordenada pelo Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger.*

**IHU On-Line- Como o Sr. avalia as primeiras medidas do novo Presidente argentino, Néstor Kirchner?**

**José Luis Coraggio-** Kirchner foi votado por muitos argentinos que, cansados do neoliberalismo, votaram contra a continuidade que representava Menem ou Lopes Murphy e não se animaram a votar em outros candidatos em número suficiente, por medo de que ficassem esses dois candidatos para o segundo turno. Esse foi meu caso e o de muitos argentinos. Mas está havendo uma surpresa muito significativa devido aos atos que o governo vem realizando desde que assumiu. Um posicionamento muito claro em relação aos direitos humanos que, na Argentina, é um tema central, pela impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura militar. Essa é uma definição política que tem um alto custo, em termos de política internacional. Os EUA, neste momento, estão pedindo que seus atos crimes não sejam julgados, está pedindo impunidade. O Presidente convocou os movimentos de direitos humanos e afirmou-lhes que trabalharia contra a impunidade. Ele não tinha por que fazer isso, não se esperava que o fizesse, não é um tema central neste momento, mas foi uma afirmação de valores. Uma outra ação importante do governo foi pressionar até conseguir a saída do presidente da Corte Suprema de Justiça, que é uma pessoa, como é conhecimento de todos, corrupta, nomeada por Menem junto com outros cinco juizes. Tomou decisões que têm a ver com interesses inconfessáveis, mas os presidentes anteriores não se animaram a tirá-lo. Uma outra atitude tomada pelo Presidente foi mexer na oficialidade do exército e da polícia, porque havia muitos contra o julgamento dos militares que cometeram crimes durante a ditadura. A idéia, que se está passando, é que não há mais impunidade e que estão sendo mexidas essas cortes corruptas. Ele tem mostrado que não obedece a ordens do aparato político que o levou ao poder, de Eduardo Duhalde, que agora está tomando uma certa distância, não está dizendo o que deve ser feito. Tomara que essa situação continue assim, porque obviamente Néstor Kirchner chegou ao poder apoiado por um sistema clientelar corrupto, mas, se ele conseguir se distanciar disso e fizer com que a cidadania o apoie por ser um bom presidente vai conseguir o apoio dos argentinos. Temos esperança. Claro, há que tomar a iniciativa e obrigar o governo a cumprir o desejo dos argentinos de ter um país sério outra vez.

**IHU On-Line- Quais são os primeiros sinais em relação à política econômica adotados pelo Presidente argentino?**

**José Luis Coraggio-** Continuamos uma negociação internacional com seriedade. Coloca-se como condição para eventualmente negociar a dívida externa, que o País viva uma situação para se desenvolver, ou seja, não se prometeu pagar a dívida primeiro, aconteça o que acontecer, como o que está ocorrendo no Equador. Um país com 80 % de pobreza e o governo se compromete, em primeiro lugar, a pagar a dívida. Em relação à dívida externa argentina, continua-se, então, com a política do Ministro Lavagna de uma posição de racionalidade nacional. Não sei como vai evoluir isso, é um ponto muito delicado, seguramente haverá pressões. Não creio que tome medidas demagógicas nem medidas que colocariam a Argentina numa situação de alegria por se manifestar diante da injustiça internacional, mas, ao mesmo tempo, de dificuldade para funcionar. Uma outra medida importante de Kirchner foi colocar um limite à entrada e saída livre de capitais andorinha. Há uma resolução segundo a qual o capital que entra na Argentina tem que aí permanecer, pelo menos, 180 dias. Essa decisão o Brasil não tomou. Por exemplo, fê-lo o Chile, há muito tempo. Isso implica colocar um limite nos especuladores.

Uma outra coisa importante na economia é que Kirchner aposta no Mercosul, e, então, precisamos que Brasil não aposte na Alca, porque, se for assim, ficaremos sozinhos. É necessário fortalecer o Mercosul e se vincular ao mundo andino. Nesse sentido, a Argentina

pode dar um bom aporte, porque tem uma relação histórica com Peru, com Chile. O Brasil sempre deu um pouco as costas a toda a região andina. Agora está preocupado com o Plano Colômbia, no qual a Argentina pode ajudar. Cada País deve fazer o que pode. Nós já passamos o default. Já dissemos que não podemos pagar a dívida. O Brasil ainda brinca de poder pagá-la...

**IHU On-Line- Qual é o papel da Economia Solidária neste momento de transição do país?**

**José Luis Coraggio-** Do ponto de vista institucional, a Secretaria de Desenvolvimento Social tem uma subsecretaria onde Kirchner nomeou uma pessoa para coordenar a economia solidária. Vamos ter, nos próximos dias, uma mesa-redonda, na qual estará Laville<sup>(2)</sup> e o secretário de Desenvolvimento Social, para discutir essas coisas. É um bom indício, uma tentativa de passar de uma política assistencialista a uma política de desenvolvimento de economia social, solidária, cooperativa. Além disso, o Presidente reuniu-se com os “piqueteiros”, que autogestionam uma parte de suas necessidades de forma solidária. Reuniu-se com representantes das fábricas recuperadas e ainda não se reuniu com os bancos.

**IHU On-Line- Como estão os clubes de troca, tema que foi objeto de uma entrevista nossa com Heloísa Primavera, quando visitou a Unisinos?**

**José Luis Coraggio-** Os clubes de troca, mal chamados clubes de troca, na realidade são redes de intercâmbio solidário com capacidade para emitir sua própria moeda, são uma forma maravilhosa de construir mercados para trabalhos solidários, mas passaram por duas crises: uma, de legitimidade de um grupo que estava na cúpula, que teve comportamentos corruptos e fez com que se começasse a perder o recurso fundamental da rede de intercâmbio solidário, que é a confiança. A outra crise foi a do “corralito”: o dinheiro ficou encerrado nos bancos, e muita gente se voltou para a rede de intercâmbio solidário. Permitiu-se que entrassem maciçamente, comprando o dinheiro para brincar de intercâmbio, mas sem trazer bens, o que gerou inflação, pois desapareceram os bens, perdendo eficácia. Em algumas regiões do País, onde há produção rural, funciona bem.

**IHU On-Line- Que outras expressões a Economia Solidária tem no País?**

**José Luis Coraggio-** As fábricas recuperadas, os “piqueteiros”, que se organizam territorialmente para gestionar suas necessidades, as pequenas comunidades que buscam formas de sobrevivência nas hortas urbanas, na periferia de Buenos Aires, já que as pessoas se dão conta de que não podem esperar que venha o emprego, porque ele não virá. Os programas sociais são muito limitados e devem começar a gestionar e produzir por conta. Nos grupos de base, há um esgotamento do poder assistencialista. Isso cria condições muito favoráveis para buscar alternativas de gestão das necessidades. E se, além disso, o Estado apóia, com leis que legalizem todo esse tipo de empreendimentos que hoje estão numa economia subterrânea do ponto de vista fiscal. Há que mudar o sistema jurídico. A Argentina tem muito recurso humano de qualidade.

---

<sup>2</sup> Jean-Louis Laville participou da mesa-redonda *Alternativas associativas e autogestionárias de organização econômica e social*, durante o 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e IV Encontro de Estudos sobre o mundo do trabalho, realizado na Unisinos de 1º a 3 de julho. Laville concedeu uma entrevista a **IHU On-Line**, que será publicada nas próximas edições.



---

***IHU On-Line- Como devem ser as relações entre Economia Solidária e Governo, já que seria contraditório uma política econômica que gere desemprego e uma Economia Solidária que crie alguns?***

**José Luis Coraggio-** Nós não estamos propondo uma alternativa de economia pobre para os pobres sobreviverem. É uma mudança de toda a política pública, das relações de poder. O que tem de mudar é a política econômica, a política internacional. Temos de nos situar de outra forma em relação aos Estados Unidos. Se isso não for feito não adianta. Precisamos uma mudança de sistema no qual possamos coexistir conflitivamente com as empresas capitalistas, coexistir por um tempo com um sistema político clientelar, mas há que democratizá-lo para que as majorias possam ser ouvidas. Não podemos ficar numa questão de vinculações afetivas locais, humanas, somente. Isso é fundamental para nos dar força, mas devemos propor uma política econômica. A Argentina foi saqueada três vezes, por isso estamos como estamos, de 30 ou 50 bilhões de dólares, por outro lado, estamos produzindo 100 dólares em um microempreendimento. Há que se envolver com a política pública, questionar a política econômica, vigiar as políticas internacionais. Pode ser que algumas políticas internacionais, por razões táticas, sejam convenientes em um momento, mas se isso se converte na política de Estado, vamos reproduzir a pobreza e a fome nunca vai chegar a zero. Países como Brasil e Argentina, nos quais a distribuição dos ingressos é bruta e desigual, não podem olhar para o outro lado. O problema é que, na Argentina, desde 76, com a ditadura, houve uma brutal concentração da riqueza, dos ativos produtivos, da terra, das fábricas, dos ativos financeiros e uma grande estrangeirização. Não podemos só redistribuir os resultados anuais do aparato produtivo e dizer que paguem um pouco mais de impostos. Não adianta. Há que redistribuir a terra, a propriedade, limitar os monopólios e reformar os sistemas financeiros. Deve haver um sistema financeiro em que as poupanças sejam postas a serviço da produção da economia solidária e não deixar que os bancos comprem dólares e os levem para fora do País por segurança. É suicida seguir assim. Por razões práticas, se o governo decidir ainda não “chutar o balde”, tudo bem, mas mais cedo ou mais tarde, vai ter que decidir se é um governo que representa as majorias ou se administra a crise infinita. Cada país deverá tomar a sua decisão.

***IHU On-Line -Que novos caminhos urge tomar no mundo do trabalho na América Latina?***

**José Luis Coraggio-** A flexibilização, que se discute muitas vezes como uma lei de flexibilização trabalhista, já é um fato. Quando chega ao congresso para ser discutido como lei, já se flexibilizou de fato. Pela enorme quantidade de desempregados, os trabalhadores foram admitindo formas de trabalho que não teriam aceitado antes, já admitiram uma baixa em seu ingresso real muito importante em toda América Latina, aceitando contratos temporais de trabalho, sair das empresas, perder seus direitos, receber uma indenização e se converter numa empresa subordinada que tem que vender seus serviços sem nenhum tipo de segurança. Desestruturaram-se todos os direitos e é difícil de recompô-los sem mudar o mundo, porque as empresas, inclusive de nossos países, na medida que têm de concorrer no mercado mundial, competem por custos, por massa de produção, por tempo, por quota de mercado...e para competir precisam flexibilidade. Se há uma massa de trabalhadores fixa e for trocado o desenho do produto e, para isso, é preciso outras capacidades, como fazer para concorrer? Essa é a lógica das empresas capitalistas. A outra economia que queremos desenvolver, não pode ter essa lógica. Deve ser uma economia na qual as necessidades das pessoas estejam resolvidas, devemos desenvolver sistemas de segurança, de saúde que sejam acessíveis às pessoas e não baseados em fármacos caríssimos. Devemos mudar o sistema de necessidades, redefini-las. E isso não significa que os pobres se conformem com produtos de quarta categoria, e os ricos sigam igual. Há que limitar o consumo, porque se não fazemos isso,

mas queremos que os trabalhadores tenham os mesmos direitos que antes, por exemplo, o Estado quebra, pagando indenizações, cobrindo custos salariais...

### **IHU On-Line- Como estão reagindo os sindicatos ante essa situação?**

**José Luis Coraggio-** Um dos problemas que temos na América Latina é que os sindicatos que ainda permanecem combativos são quase todos estatais, como o dos professores e outros. Esses sindicatos estão em contradição, porque por um lado, defendem direitos legítimos de seus trabalhadores, mas sem levarem em conta que todo o sistema mudou, continuam dispostos a fazer greve, por exemplo. Nesse momento, estão negando os direitos dos cidadãos de serem educados, que é um direito fundamental para ter acesso a todos os demais. Eu acho que a cultura sindical deve ser revisada. O sindicalismo não pode seguir defendendo os direitos dos que têm trabalho, deve pensar em todos os trabalhadores, os que não têm também. Por isso acho importante que a CUT desenvolva uma economia solidária e gere fontes de trabalho. Há que pensar em outras formas de luta, fazer com que a sociedade lute pela educação, e não o professor mandar as crianças para casa. Acho que o sistema sindical está em crise e que deve revisar sua vinculação com os outros movimentos sociais. Toda esta precarização podemos redefinir no papel, mas na prática, na relação de forças, como se faz? Se já está aberta a economia, se o setor capitalista disse: “Não posso concorrer, se tenho que manter os trabalhadores, se sobem os salários, vou embora” Isso é uma chantagem contínua. Precisamos ter muito poder e dizer à empresa: “Você fica aqui, ou a confisco”. Por isso devemos desenvolver outra economia.

## **“ESTAMOS VIVENDO UMA TENDÊNCIA AO RETROCESSO”**

### **Entrevista com Maria Ciavatta**

*Responsável pela conferência de abertura do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho, a Profª. Drª. Maria Ciavatta concedeu entrevista ao IHU On-Line antes de voltar ao Rio de Janeiro, na manhã da última terça-feira, dia 1º de julho. Ao lado da Profª. Drª. Marluza Harres, do PPG em História da Unisinos, e sob a coordenação do Prof. MS Dárnis Corbellini, coordenador da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, a Profª. Maria Ciavatta abordou o tema Trabalho e Memória, com base em uma pesquisa realizada por ela, utilizando fotografias do trabalho e dos trabalhadores cariocas nas três primeiras décadas do século XX. Encerrando a conferência, a Profª. Drª. Marluza Harres fez um comentário crítico. Doutora e pós-doutora em Educação, a professora Maria Ciavatta é pesquisadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados, do Departamento de Fundamentos Pedagógicos, da Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ). Entre seus livros publicados, citamos **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (RJ 1900 - 1930). Rio de Janeiro: DP&A Editora / Faperj, 2002.*

### **IHU On-Line – Qual a importância do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho?**

**Maria Ciavatta** – A economia solidária nasceu da necessidade das pessoas buscarem meios de sobrevivência. Não há emprego, mas há trabalho. Qual o acesso a esse trabalho? Como as pessoas podem se organizar de uma forma solidária, mais cooperativa, mais humanizada, para fazer face ao desespero de não ter como se manter? É um tema que se impôs na nossa época. O trabalho dentro desse tema é uma questão ética. Um evento como esse, realizado numa universidade, que os jovens freqüentam, onde há um trabalho intergeracional dos

professores, de várias gerações, com a juventude, é uma forma de ajudá-los se abrirem e refletirem sobre essa realidade. Os jovens e os mais velhos são as principais vítimas deste modelo. Quem está desempregado hoje são os jovens, até os 25 anos, e os maiores de 45 anos, que, quando desempregados, não conseguem se reinserir. Esse trabalho intergeracional na universidade ganha maior densidade, ganha um sentido ético, pode abrir perspectivas para os jovens. Eu me senti muito honrada por ter poder falar sobre a memória do trabalho, porque ela faz parte de uma compreensão ampliada do processo. As pessoas não podem pensar que essa é uma situação que aconteceu repentinamente. Ela tem uma história. Assim como eu mostrei um pedaço da história dos trabalhadores, é importante que as pessoas se dediquem a estudar a história do desenvolvimento capitalista na industrialização, a história do campo no nosso país, para poder compreender melhor esse processo, porque, quando se compreende, se tem mais argumentos de defesa.

***IHU On-Line – Quais as semelhanças que a Sr<sup>a</sup>. vê entre a situação tão precária no mundo do trabalho na última década e a situação das três primeiras décadas do século XX?***

**Maria Ciavatta** – Naquele momento, os trabalhadores estavam lutando para ter uma regulamentação das relações de trabalho. Buscavam um vínculo estável, repouso remunerado, proteção contra os acidentes de trabalho, férias. Para conseguir essa legislação faziam greve, mobilização, apanhavam da polícia, faziam jornais para conseguir adesão dos demais trabalhadores. O que acontece agora, é uma tendência ao retrocesso. Primeiro informalmente, as empresas começam a terceirizar a mão-de-obra, que é precária, sem vínculo empregatício, sem nenhuma garantia. As pessoas estão pedindo para ter um trabalho, a qualquer preço, a qualquer custo. Naquele tempo, o trabalho estava desregulamentado, e os trabalhadores estavam lutando para regulamentá-lo. Nesse momento, em que há, inclusive, uma redução do número de empregos por conta de toda reestruturação produtiva e a nova organização do trabalho, os trabalhadores estão vendo, por força do seu enfraquecimento como coletivo, voltar a ameaça da desregulamentação, que é chamada eufemisticamente de flexibilização, e é vendida como interesse do trabalhador, pela mídia, pelas empresas e pelo Governo passado, sem dúvida alguma. Eu espero que não se repita esse processo.

***IHU On-Line – A insegurança pela instabilidade no emprego, e o medo que paralisa os trabalhadores desta época fazia parte do clima de trabalho das primeiras décadas do século?***

**Maria Ciavatta** – Nas três primeiras décadas do século XX, também havia instabilidade no emprego, mas as pessoas faziam greves, protestavam, reivindicavam. Elas também eram demitidas, mas por outras razões. Elas estavam lutando por empregos e havia outras empresas que fechavam as portas, porque essas pessoas eram consideradas elementos agitadores. A diferença, é que havia mais empregos. Hoje, as pessoas realmente estão muito acuadas, porque houve proporcionalmente uma redução dos postos de trabalho. As novas tecnologias e a reorganização do trabalho introduziram limites à capacidade das empresas de ter pessoas trabalhando, no sentido da competitividade. Elas podem produzir muito com poucas pessoas. Naquela época, havia muita perseguição pela polícia. A greve era um delito, era considerada uma ofensa, um problema ético, político muito sério. Hoje, no Brasil, existe o direito regulamentado de greve. A polícia não pode prender alguém simplesmente porque está fazendo greve. Mas ele terá a sanção da empresa, que dirá: “Se você não vier, eu contrato outro”. São diversas as formas que o capitalismo tem para levar as pessoas a trabalhar segundo as suas necessidades.

# ACONTECE

## Juventude: mudança cultural, novas mídias e empoderamento Curso de extensão sobre Juventude

Os interessados e as interessadas na temática Juventude têm uma opção de curso de extensão na Unisinos durante os dias 9, 10 e 11 de julho próximos. O curso **Juventude: mudança cultural, novas mídias e empoderamento: mares que jovens e adolescentes “navegam”** é uma promoção do Centro de Ciências Humanas, do Instituto Humanitas Unisinos e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. A coordenação é do prof. Dr. Hilário Dick e da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valburga Schmiedt Streck. Os objetivos do curso são identificar valores e realidades que os jovens e adolescentes vivem, desejam e que lhes são oferecidos; analisar e fundamentar aspectos da compreensão do fenômeno juvenil brasileiro e latino-americano; lançar pistas de trabalho junto aos jovens e adolescentes.

A promoção, dirigida a universitários, pesquisadores em adolescência e juventude, educadores e jovens envolvidos em experiências culturais e formativas, faz parte do Curso de Pós-Graduação Especialização em Juventude.

### **Acompanhe a programação completa do curso:**

09 de julho

8h30min às 11h45min – Auditório Central

O contexto latino-americano atual e sua relação com o mundo juvenil (hipóteses e tendências) e Mudanças no modelo de acumulação capitalista e a relação com a situação dos jovens na América Latina - Mario Sandoval

14h às 17h45min

Comunicação para o desenvolvimento e juventude - Humberto Abaunza

10 de julho

8h30min às 11h45min – Auditório Central

A revolução das comunicações e seu impacto na configuração dos imaginários juvenis atuais - Mario Sandoval

14h às 17h45min

Estudo de um projeto de comunicação para a mudança social em função do empoderamento juvenil - Humberto Abaunza

11 de julho

8h30min às 11h45min – Sala 1C107

A queda dos socialismos reais e sua relação com a construção de projetos juvenis de vida - Mario Sandoval

14h às 17h45min

Adultismo e Relações de poder – Humberto Abaunza

---

# DESTAQUES DA SEMANA

## Livro da Semana

### **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil**

*Autores: Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez e Violette Brustlein*

*São Paulo: Edições Loyola, 2003, 240 p.*

*Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003, 150p.*

O livro desta semana foi tema de uma reportagem publicada no jornal **Valor Econômico**, assinada por Robinson Borges. O mesmo jornal publicou, igualmente, um artigo sobre o livro, de Ronaldo de Almeida, pesquisador do Cebrap e professor da PUC-SP. O livro também é comentado pelo prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, Doutor em Ciências Sociais pela Université Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica, com tese intitulada *Religion, Politique et Identité*. O prof. José Ivo é também coordenador do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo, da Área de Concentração Teologia Pública, do IHU, além de professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

## A MULTIPLICAÇÃO DO SENHOR

*Reproduzimos, a seguir, a reportagem de Robinson Borges publicada no jornal Valor Econômico, em 27 de junho de 2003. Os subtítulos são nossos.*

Parte do mistério da fé do brasileiro acaba de ser desvendada por um grupo de professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e de pesquisadores franceses, que realizaram um amplo estudo sobre a filiação religiosa no país. Com base em dados sócio-econômicos e geográficos, o grupo identificou que a crescente conversão de católicos para religiões pentecostais - ou mesmo para a não-adoção de credo algum - nas últimas décadas está ligada, mais uma vez, à exclusão social. O principal indicador está no fato de que o trânsito religioso não ocorre de forma homogênea pelos municípios e regiões.

"Os evangélicos estão surgindo no vácuo deixado pelo Estado e pela Igreja a partir dos anos 80", afirma Cesar Romero Jacob, professor da PUC-Rio e um dos autores do Atlas da **Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil**, São Paulo: Edições Loyola, 2003, 240 p., escrito em conjunto com Dora Rodrigues Hees (PUC-Rio), Philippe Waniez (Institut de Recherche pour le Développement) e Violette Brustlein (Centre National de la Recherche Scientifique).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que nortearam o estudo, entre 1991 e 2000, a cada ano, um ponto percentual da população católica do país deixou de comungar os preceitos do Vaticano para abraçar outras formas de se aproximar do mundo divino, em especial, a dos evangélicos. A intensidade da migração religiosa ganha outros ares se comparada aos 99% de brasileiros que compunham os fiéis católicos no início do século XX com os atuais 73,9%. No cômputo geral, os evangélicos cresceram de 6% para 10,6% de 1991 para 2000, e o grupo de pessoas que se diz "sem-religião" saltou de 4,7% para 7,4% no mesmo período. Mas há algumas nuances: somente no Centro-Oeste, os evangélicos atingem 16% da população.

### **Migração geográfica e religiosa**

"Concluimos que a migração religiosa tem uma relação direta com o processo migratório geográfico. O migrante típico sai de um Brasil profundo, católico, para a fronteira agrícola das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil ou para as periferias metropolitanas", explica Jacob.

Foi nessas áreas do país e das cidades que ocorreram os aumentos mais expressivos dos evangélicos e dos "sem-religião" nos últimos anos. A pesquisa verificou traços comuns entre esses pontos aparentemente distintos num mapa geográfico. Nessas regiões, a maior parte da população é migrante, sofre com a ausência estatal para a promoção social, é carente de habitação, saúde, saneamento básico, escola, hospital, segurança pública e inúmeras outras condições básicas para se obter uma vida digna.

A expansão dos pentecostais nas regiões Norte e Centro-Oeste e nas periferias das metrópoles é resultado da dificuldade da Igreja Católica em lidar com os espaços pioneiros de fronteira agrícola e mineral e de seguir o crescimento populacional das grandes cidades. Não é por acaso que Rondônia, alvo de um dos mais intensos movimentos de migração do Brasil, na década de 70, seja o Estado mais evangélico do país. "Nesse quadro de migração, as pessoas ficam fragilizadas, desenraizadas e não encontram, no aparato estatal nem da Igreja Católica, o apoio devido. Ambos estão tendo dificuldade em fazer um deslocamento rápido para esses lugares devido ao peso da instituição e da burocracia. As igrejas pentecostais estão aproveitando o espaço e agindo para a reconstrução da identidade social, cultural e religiosa", observa.

### **Queda expressiva do número de católicos**

Apesar do mau desempenho nas pesquisas, ainda é possível dizer que o Brasil é o maior país católico do mundo. Afinal, em números absolutos, o índice de católicos aumentou. O problema é a proporcionalidade. Por esse motivo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem demonstrado preocupação com a perda sistemática de seus fiéis. "Não é possível dizer que a queda não foi expressiva. Em 1970, a Igreja possuía 92% de católicos e na década seguinte estava com uma posição ainda confortável, com 89% da população filiada. A grande virada ocorreu de 1980 para o fim do século XX, quando se verificou perda de 15 pontos percentuais de católicos", diz.

Curiosamente, Jacob observa que a economia começou a estagnar no país no início da década de 1980, considerada perdida. Mesmo assim, o processo migratório continuou e aumentou a miséria na periferia. A vantagem das igrejas evangélicas nesse contexto foi que elas passaram a ser mais pragmáticas do que a Igreja Católica. A primeira tratava de questões reais e imediatas, a segunda ainda falava da vida eterna. "A Igreja ficou preocupada com o fenômeno do agnosticismo na Europa, que afastou muitos fiéis, e concentrou suas ações pastorais nos centros. Perdeu o bonde", avalia.

### **Política, religião e mídia: parceria que deu certo?**

Enquanto isso, os evangélicos caminharam rapidamente pelas trilhas da política. O desempenho de Anthony Garotinho nas eleições presidenciais do ano passado é um exemplo. Ex-governador do Rio e evangélico, o candidato contava apenas com a máquina de seu Estado e com a força de Miguel Arraes em Pernambuco. Seu partido, o PSB, não dispunha de condições financeiras para sustentar a campanha, que foi alavancada pelas igrejas pentecostais e pela Rede Record, emissora controlada pelo bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. "Como resultado, o candidato obteve melhor desempenho nas regiões em que há mais evangélicos, e a Record possui mais retransmissoras. Isso é fruto da ligação entre política, religião e mídia", afirma.

Em outras ocasiões, a conexão política - religião levou os fiéis pentecostais a votarem em candidatos não-evangélicos (Fernando Collor, 1989, e Fernando Henrique Cardoso, 1994 e 1998). "A indicação de candidatos por parte dos pastores resulta, normalmente, em votações maciças dos evangélicos em tais políticos, atitude que costuma ser valorizada pelos dirigentes dessas igrejas."

Por parte dos católicos, a discussão se dá em dois eixos da Igreja: os progressistas e os conservadores. A hipótese dos progressistas é a de que depois de participar das comunidades eclesiais de base, na década de 1970, a Igreja teria perdido espaço na periferia por pressões do Vaticano, nos anos 1990. Por outro lado, os conservadores atribuem a debandada de fiéis à politização demasiada da Igreja. "As igrejas evangélicas são mais conservadoras ainda e, mesmo assim, crescem. Depois, os que comparam os cardeais que comandavam as arquidioceses de São Paulo e do Rio de Janeiro - D. Paulo Evaristo Arns, mais progressista, e D. Eugênio Salles, mais conservador - não percebem que o fenômeno de trânsito religioso se dá da mesma forma nas zonas Sul e Leste de São Paulo, e na zona Oeste do Rio: as áreas mais pobres", esclarece.

### **Desacordo entre mensagem católica e princípios do Vaticano**

A tese de que o conservadorismo do Papa João Paulo II seria um dos responsáveis pelo afastamento do rebanho católico, portanto, não é pertinente aos olhos do pesquisador. Isso porque essa crítica seria passível de ocorrer nos segmentos mais intelectualizados dos centros urbanos, onde a parcela de católicos é estável. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), realizada em seis capitais - Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre - com pessoas católicas de diversas classes, mostra que esses fiéis, em ambientes urbanos, defendem que a Igreja Católica não deveria se envolver nas questões de natureza moral e sexual. Leia-se divórcio, casamento, contracepção, aborto, temas vetados pelo Vaticano de João Paulo II.

Para 63% dos católicos, a possibilidade do segundo casamento é absolutamente aceitável e o divórcio, para 60%. Já o sexo antes do matrimônio, é natural para 44% dos entrevistados. "A mensagem católica está em desacordo com os princípios de moral rígida do Vaticano. Mas há uma convivência pacífica entre os católicos, o estilo de vida que levam e a Igreja", destaca. A telenovela "Mulheres Apaixonadas", da Rede Globo, é exemplo de como essa convivência se dá de forma harmoniosa. Tendo como cenário os bairros de classe média carioca do Leblon e da Barra da Tijuca, os personagens são católicos, freqüentam a igreja, participam de ações pastorais, rezam para Santa Rita. A conduta moral sexual, porém, caminha para outro lado: fornicação, divórcio, traição, relações estáveis, mas não abençoadas pela Santa Igreja, e homossexualidade. Outro detalhe: não há papéis evangélicos.

"Talvez estejamos vivendo uma situação parecida com a que ocorreu no século XIX, em que houve uma pressão para separar a Igreja do Estado. Quando os republicanos decidiram pela separação, a Igreja reclamou. Mas hoje entende que a melhor coisa que poderia ter ocorrido com ela foi ter se identificado com a sociedade civil e não ter de pagar o ônus de estar ao lado do Estado", avalia o professor. "É possível que estejamos vivendo uma outra pressão por separação do vínculo moral e sexual das questões religiosas. O sujeito é homossexual e não deixa de ser católico por isso. Os gays também têm uma religião."

### **Contradições**

A expansão religiosa não é fenômeno brasileiro, mas da globalização. Em todos os países de regime aberto, essa movimentação ocorre. O caso mais exemplar é do islamismo nos Estados Unidos. O processo de pluralidade religiosa e evangelização é fruto também das Constituições

que garantem liberdade de consciência política e religiosa. Segundo Jacob, porém, o fato de os pastores levarem seus fiéis a votar em determinados candidatos colide com a Constituição brasileira. Mas esse não é o único paradoxo. "A Igreja que fez a 'opção preferencial pelos pobres, vê parte dessa mesma população engrossar os contingentes das igrejas evangélicas. Em contrapartida, os pastores que apoiaram as candidaturas de centro-direita de 1989, 1994 e 1998, cujos governos adotaram políticas econômicas que agravaram a situação de exclusão social no país, acabaram realimentando essa exclusão". Enfim, nem todos os mistérios da fé estão decifrados.

## O trânsito religioso no cotidiano do país

*Ronaldo de Almeida, pesquisador do Cebrap e professor da PUC-SP, é autor do artigo que reproduzimos a seguir, publicado no jornal **Valor Econômico**, em 27 de junho de 2003. Os subtítulos são nossos.*

Há cerca de quatro décadas, o campo religioso, no Brasil, vem sofrendo uma profunda transformação. Diferentes pesquisas realizadas nos anos 90, no município de São Paulo, na região metropolitana do Rio de Janeiro e em microrregiões urbanas de todo o Brasil, chegaram a um mesmo resultado, que confirma essa transformação: uma em cada quatro pessoas mudou de religião, sobretudo nos últimos 20 anos. Os resultados do Censo Demográfico 2000 consolidaram algumas tendências que já se desenhavam nos Censos de 1980 e 1991. Em primeiro lugar, a multiplicação das alternativas religiosas. Segundo, a queda crescente do catolicismo, que se tornou uma espécie de "doador universal" de adeptos para outras religiões. Terceiro, o crescimento vertiginoso dos evangélicos, principalmente do ramo pentecostal. Por fim, e a princípio em contradição com essa explosão de religiosidade, cresceu a proporção daqueles que se identificam na categoria "sem-religião". Assim, a idéia de que há um crescente pluralismo religioso no Brasil é contestada pelo fato de que boa parte das adesões se dá praticamente em duas direções: os evangélicos e os "sem-religião". Mas como interpretar esse novo cenário e precisar melhor os dados censitários?

O catolicismo, apesar das projeções de perda de hegemonia, continua sendo a maior religião do país, com cerca de três quartos da população. No entanto, fica a dúvida sobre quem são esses católicos. O questionário do IBGE faz uma única pergunta sobre esse tema: "Qual é a sua religião?". Ora, bem sabemos que, no Brasil, muitos costumam se declarar católicos como se estivessem quase se identificando como brasileiros. Assim sendo, faz-se necessário quebrar essa categoria, diferenciando os denominados católicos "praticantes" e "não-praticantes". Pesquisa quantitativa realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) na Região Metropolitana de São Paulo revela que somente cerca da metade dos que se confessam católicos mantém um vínculo mais contínuo com a comunidade e os serviços religiosos, não se limitando aos batizados, casamentos e missas de sétimo dia.

### **"Sem religião": ausência de religiosidade?**

Da mesma forma, o que significa quando as pessoas se declaram "sem-religião"? Se essa autodeclaração nos sugere a idéia de ateísmo ou de secularização, pode-se pensar, ao contrário, que isso não significa ausência de religiosidade. Algumas pessoas simplesmente não têm uma freqüência aos serviços religiosos assídua nem envolvimento pessoal com a comunidade moral, mas mantêm uma atitude religiosa frente ao mundo, principalmente em situações de insegurança física, emocional, financeira, etc. Além disso, alguns dos "sem-religião" podem estar entre aquelas pessoas que compõem um cardápio particular de credos e



práticas bastante variadas, ou ainda entre aqueles que se identificam como católicos não-praticantes, dependendo do dia em que foram entrevistados. Assim, a partir do dado censitário, é possível afirmar, de forma contundente, a existência de um processo de desfiliação institucional, sem comprometer uma prática mais privada da religião.

### **Trânsito entre as religiões**

Ainda sobre a pesquisa realizada pelo CEM, após a questão "Qual é sua religião?", perguntava-se ao entrevistado se praticava ou freqüentava outros serviços religiosos. Isto é, se há um deslocamento entre as religiões, é verdade também que muitas pessoas transitam simultaneamente entre vários sistemas religiosos, sem resultar no abandono de algum destes. Isso não é propriamente novidade em um país caracterizado pelo sincretismo, mas a pesquisa revelou que, se anteriormente era comum alguém se identificar como católico e recorrer vez por outra a um centro de umbanda ou espírita, algumas igrejas evangélicas se tornaram a segunda opção preferencial. Isto é, alguém pode se declarar católico e também recorrer aos templos ou às orações dos evangélicos nos rádios e canais de televisão para receber, via satélite, alguma bênção.

Por fim, se há um trânsito de pessoas entre diferentes credos ou a prática simultânea de alguns deles, é importante destacar que ocorre concomitantemente um trânsito de idéias e práticas religiosas. Em outras palavras, não somente pessoas transitam entre os sistemas religiosos como estes também se transformam em virtude da concorrência por adeptos. Vejam como a Renovação Carismática Católica e o Padre Marcelo Rossi, no seu empreendimento de "readesão" dos católicos, ficaram tão parecidos com os evangélicos. Ou como a Igreja Universal nos cultos de exorcismo das entidades afro-brasileiras ficou parecida com a religiosidade que se propunha a combater, mais especificamente a umbanda.

Não se pode perder de vista que os dois planos do trânsito religioso possuem dinâmicas distintas, mas correlatas. Assim, os dados produzidos pelos Censos nos indicam grandes tendências e quadros gerais, mas para sua compreensão mais precisa são necessárias pesquisas de caráter qualitativo, as quais provavelmente nos mostrarão um campo religioso mais híbrido, com duplas pertencas, com intensa circulação e mutações, em suma, um cenário em que a religiosidade é vivida de maneira mais alargada do que aquela confessada ao entrevistador do IBGE.

## **ATLAS DA FILIAÇÃO RELIGIOSA E INDICADORES SOCIAIS NO BRASIL**

**Por José Ivo Follmann**

Foi lançada, recentemente, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em parceria com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) importante publicação das Edições Loyola, com esse título. Os autores da publicação: Cesar Romero Jacob (PUC-Rio), Dora Rodrigues Hees (PUC-Rio), Philippe Waniez (IRD: Institut de Recherche pour le Développement, França) e Violette Brustlein (CNRS: Centre National de la Recherche Scientifique, França) fazem um trabalho inédito de *cartografia religiosa e sócio-econômica no Brasil*, conseguindo registrar, com muita habilidade didática, o atual quadro de diversidade crescente no campo religioso neste país e o seu contexto sócio-econômico. O Pe Jesus Hortal Sánchez SJ, Reitor da PUC-Rio, no prefácio da publicação, faz oportuna menção a dois importantes trabalhos realizados com a mesma preocupação, os quais não podem ser esquecidos dentro da história recente de busca de entendimento da diversidade religiosa no Brasil: um encabeçado pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, que resultou num trabalho publicado em três volumes dos **Cadernos ISER**, com o título "*Sinais*

dos Tempos: *Diversidade Religiosa no Brasil*”, o outro encabeçado pelo Setor de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da CNBB, com o título de *“Igreja Diante do Pluralismo Religioso no Brasil”*, cujos resultados foram publicados em três números (62, 69 e 71) da **Coleção Estudos da CNBB**. Ambos os trabalhos são de finais da década de oitenta e inícios da década de noventa. A tendência de multiplicação do campo religioso, já vem se mostrando há várias décadas e estava claramente visível no momento em que foram realizados os dois trabalhos aqui mencionados. Hoje, o Censo 2000 do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) proporciona uma nova visualização da mesma tendência que foi aceleradamente crescente em alguns aspectos, na última década. A publicação do **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil**, além de nos fornecer, nas primeiras 130 páginas, uma maravilhosa coleção de mapas das religiões no Brasil, acompanhados com quadros estatísticos e entremeados de textos sobre as principais realidades religiosas do País, no momento, elaborados com competência, contextualiza também muito bem essas realidades, ao apresentar, a partir do cap. 8 (p.131), um amplo e cuidadoso panorama dos indicadores demográficos, sociais e econômicos, igualmente ilustrado com mapas e gráficos, retratando dados do último Censo. Trata-se de uma obra de grande valor e altamente recomendável.

## Entrevista da Semana

### HUMANIDADE INQUIETA

#### Entrevista com Ivan Domingues

*Transcrevemos a entrevista de Ivan Domingues, publicada na revista Diversa – Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, p. 5-7, 2003.*

*Ivan Domingues é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais–UFMG, doutor em Filosofia pela Sorbonne - Paris I (1989), consultor da Capes, do CNPq e de outros órgãos, membro do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG) e autor dos seguintes livros: **O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história**. Editora UFMG: 1996; **O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das Ciências Humanas**. Loyola:1991; é organizador do livro **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Editora UFMG: 2001.*

*Entrevistamos o professor Ivan Domingues, quando esteve em visita à Unisinos, em duas ocasiões, para as edições 17ª, de 13/05/2002 e 46ª, de 9/12/2002.*

O Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) é uma espécie de filho caçula da UFMG. Desperta interesse, pretende a inovação, está preocupado com o futuro e tem muitos planos. Ainda em período experimental no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, o IEAT está inserido no contexto dos desafios que as instituições de ensino superior têm que enfrentar, entre os quais pensar permanentemente a própria produção de conhecimento. Melhor ainda a maneira de organizar-se para tal produção.

O presidente do IEAT, o filósofo Ivan Domingues, ressalta: “Trabalhamos com a utopia”. Segundo ele, é a utopia que faz a humanidade se inquietar, não se conformar com padrões estabelecidos, e é nesse sentido que ela se enquadra nos alicerces das intenções dos pesquisadores envolvidos com o projeto. Nesta entrevista, Domingues explora o tema da transdisciplinaridade, de como o conceito pode amparar-se nas práticas das universidades e, assim, tentar mudar um modelo que prevalece há centenas de anos.

**Diversa – Qual a diferença entre interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar?**

**Domingues** – Estamos trabalhando esses assuntos há bastante tempo no IEAT, e, sem dúvida, há uma flutuação conceitual entre esses termos. Grosso modo, a grande diferença entre os três é que o interdisciplinar e o multidisciplinar estão ainda presos às disciplinas. Ao passo que o transdisciplinar quer ir além. Mas entendemos que a pesquisa transdisciplinar só poderá ser adotada e enfrentada com sucesso tendo uma base cultural sólida, o que vamos encontrar em pesquisas interdisciplinares ou multidisciplinares de sucesso.

**Diversa – Então, o transdisciplinar só é possível, a partir de uma experiência interdisciplinar ou multidisciplinar?**

**Domingues** – A interdisciplinaridade é amiga da transdisciplinaridade. Não há nenhuma oposição. Mas queremos dar um passo além, pois a base cultural da transdisciplinaridade é a interdisciplinaridade. Admitida a flutuação entre os conceitos, tem-se que admitir também que há problemas metodológicos. São métodos diferentes. Na multi, várias disciplinas cooperam com um projeto, mas cada qual trabalhando um aspecto do objeto com o seu método. Na inter, há situações em que uma disciplina nova adota métodos de uma outra mais antiga. É o caso clássico, por exemplo, da Bioquímica, matéria em que houve uma fusão de campos. Na trans, a tentativa é a de instaurar uma metodologia unificada.

**Diversa – A transdisciplinaridade pressupõe uma nova maneira de organizar a ciência. Na prática, isso está acontecendo?**

**Domingues** – Quando perguntamos por exemplos no campo da interdisciplinaridade, é relativamente fácil apontar experiências. Temos que entender que a transdisciplinaridade é ainda uma espécie de utopia e valorizar positivamente o termo utopia, no sentido do não-lugar. Ou seja, não foi realizado em nenhum lugar, mas é uma busca, uma procura. O melhor exemplo é a Escola de Sagres, o projeto português das caravelas que redundou na descoberta do Brasil. Esse projeto se deu graças à cooperação daqueles a quem se pode chamar hoje de engenheiros, carpinteiros, matemáticos. Sagres, entretanto, jamais existiu como uma escola, ou comunidade, ou um prédio com um corpo de pesquisadores, etc. Era uma época, inclusive, em que as especialidades, e com elas as disciplinas, existiam de maneira muito incipiente, porque a revolução disciplinar ocorreu depois, a partir do século XVII.

**Diversa – A transdisciplinaridade só é possível porque houve o movimento de especialização do conhecimento?**

**Domingues** – É isso. Temos que levar a sério o termo transdisciplinar, e ele mostra que o seu ponto de ancoragem é a disciplina. A transdisciplinaridade ocupa as zonas de indefinição do conhecimento, as áreas de ignorância. Ela ocupa os espaços existentes entre as disciplinas, que são uma conquista histórica permanente. Revoluções importantes no conhecimento se deram graças à constituição das disciplinas. O problema é que, ao mesmo tempo, aconteceu uma proliferação exagerada das disciplinas. Hoje são mais de dez mil. Essa disciplinarização criou, entretanto, barreiras entre as diversas áreas do conhecimento. Tal inflação gerou o mal da hiperespecialização ultradisciplinar, cujo remédio é a transdisciplinaridade, que trabalha no sentido de encontrar o antídoto. Ela procura aproximar as disciplinas e os campos de conhecimento, busca unificar o conhecimento.

**Diversa – Esse remédio vai além de uma nova organização da ciência? Vai em busca de uma nova ciência?**

**Domingues** – Sim, nós entendemos assim. Junto com a proposta da transdisciplinaridade, vem a sugestão de uma nova visão do conhecimento, menos compartimentalizada e disciplinar. Mais holística, com sistemas abertos e capazes de produzir uma nova ciência, novas tecnologias. A idéia é a de um novo humanismo. Queremos colocar o homem, a visão antropológica, no centro das atenções. Um novo homem alfabetizado em ciência, tecnologia, cultura e artes. Mas não como o humanismo dos renascentistas. Estamos pensando para a frente.

**Diversa** – Por mais que a transdisciplinaridade seja ainda uma utopia na UFMG, está sendo criado o doutorado de Bioinformática, que pretende não apenas unir três áreas, mas ir além delas. Esse é um bom exemplo de como o transdisciplinar pode acontecer na prática?

**Domingues** – Nós, do IEAT, olhamos com muita esperança essa experiência da Bioinformática. Acharmos que esse campo tem um potencial transdisciplinar muito grande. É cedo ainda para dizer o que vai acontecer, mas detectamos esse potencial. Queríamos até abrigar o projeto, mas nossa atuação é ainda na pesquisa e no ensino.

**Diversa** – Uma tendência, que parece irreversível, é a de aproximar as universidades da sociedade, produzindo conhecimento e colocando-o em prática por meio de serviços oferecidos às comunidades. A transdisciplinaridade incentivou essa postura. O que se pode esperar da transdisciplinaridade?

**Domingues** – Conceitualmente, cercamos o problema quando pregamos uma nova visão do conhecimento e de homem, um novo humanismo. Temos a missão de propagar, de difundir esse ideal. Ao colocar a ciência e a tecnologia a serviço do homem que vive em comunidade, é claro que a questão social tem que ser posta. O conhecimento tem que estar a serviço não de grupos, de *lobbies*, gerando patentes, *royalties* atrelado a *business*. O conhecimento tem que ser reorientado socialmente. Que sociedade será gerada a partir daí é outra história. Não depende só da ciência ou da universidade mas da própria sociedade. É importante isso ficar claro, porque sabemos, hoje, o peso que tem o conhecimento na sociedade, na economia e assim por diante. Vivemos a era do conhecimento, a sociedade do conhecimento. A dependência do capital intelectual é extraordinária. Então o vínculo entre conhecimento e sociedade está posto.

**Diversa** – Qual o peso da ética em um nova forma de produção do conhecimento?

**Domingues** – A ética precisa ser recolocada. É muito importante voltar com a questão ética, mas isso não é fácil. Todo mundo está pedindo ética. Em tudo: na política, na economia... Mas a ética pode pouco, muito pouco. Ela não é nada sem o direito, sem outras instituições sociais e políticas que a apoiem. A evolução científico-tecnológica ocorreu numa cisão, numa grande ruptura com a ética. Ao analisar o processo histórico do conhecimento, vemos que foi isso que aconteceu. Passou-se a falar de ciência neutra, desinteressada, cujo único valor possível é a verdade. Mas vimos que essa cisão é temerária e que ela poderia voltar-se, como se voltou, contra o homem. Realmente, não é fácil remoralizar a ciência, é algo complicado, porque a ética diz não para muita coisa.

**Diversa** - O senhor imagina uma UFMG transdisciplinar em quanto tempo?

**Domingues** - Sou muito cauteloso quanto a isso. Temos que entender que o nosso campo de atuação é a pesquisa, porque ela é estratégica, é menos cartorial, mais plástica, mais fluida. Mas temos idéias de implantar experiências no ensino. Vamos oferecer cursos, trabalhar num

primeiro momento de forma pluritemática. Depois vamos nos concentrar em alguns temas. Explorar as zonas de ignorância do conhecimento, porque não sabemos o que gostaríamos de conhecer. Podemos convidar um colega da Medicina para falar sobre a dor, mas a quem pertence a dor? A qual campo disciplinar? À Literatura, à Psicologia, à Medicina mesma?”

## Deus nos jornais

### Desemprego: 20% na região metropolitana de São Paulo

#### A maior taxa desde 1985

O desemprego na região metropolitana de São Paulo atingiu 20,6% da população economicamente ativa – PEA, segundo a Fundação Seade e o Dieese. O índice de 20,6% representa a soma de três tipos de desemprego -aberto (13,4%), oculto pelo trabalho precário (5,2%) e oculto pelo desalento (1,9%)- medidos pelas duas instituições (veja ao lado). Significa dizer que 1,959 milhão de pessoas estavam desempregadas na Grande São Paulo em maio. O boletim *IHU On-Line* da última semana traz uma longa entrevista com Dari Krein analisando o fenômeno e as respostas do movimento sindical, especialmente o último congresso da Cut, e do atual governo federal.

### Rendimento real do trabalhador cai

#### A queda é de 50%

O rendimento médio real do trabalhador da Grande São Paulo está no patamar mais baixo desde 1985, segundo mostra pesquisa mensal de emprego e desemprego do Dieese e da Fundação Seade. Na comparação com a média anual verificada há 18 anos -R\$ 1.770,83, em valores de 2003 corrigidos pelo ICV-Dieese- a queda chega a 50,2%, informam os técnicos. Em abril deste ano, o rendimento médio real valia R\$ 889.

### O risco dos transgênicos

#### A opinião de D. Luciano Mendes de Almeida

“O assunto não é apenas científico. É uma questão ética que requer discernimento para evitar danos talvez irreparáveis. A ciência e a tecnologia devem estar orientadas para o desenvolvimento da pessoa humana e para o bem comum e requerem harmonizar-se com os princípios morais”. A opinião é de D. Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, MG, ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, jesuíta. D. Luciano esteve na Unisinos, em 2002, participando do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade. Ele escreve semanalmente uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*. No último sábado, dia 28 de junho, sob o título ‘O risco dos transgênicos’, D. Luciano escreve: “Recente declaração assinada em 6/5 por 14 bispos católicos que acompanham mais de perto as questões de justiça social no Brasil e, em particular, as que se referem à terra, externa preocupações e alerta-nos sobre vários aspectos ligados aos transgênicos. Começa o texto conceituando os transgênicos como resultado de manipulação genética que permite produzir, alterar e transformar genes entre os seres vivos, rompendo a barreira do cruzamento entre as espécies. São enumerados, a seguir, os principais riscos:

- a) os transgênicos, se não forem bem controlados, podem causar sério detrimento à saúde humana, pois a alimentação com grão geneticamente modificado é capaz de provocar alergias, resistência aos antibióticos e aumento do índice de substâncias tóxicas. É preciso garantir com severas normas a segurança alimentar;

- b) podem ainda acarretar risco ecológico imprevisível, com o desaparecimento progressivo da biodiversidade, já que o aumento da monocultura levará à perda de variedade e qualidade das sementes;
- c) o patenteamento em curso tornará os transgênicos propriedade exclusiva de grupos econômicos, lesando a soberania alimentar do Brasil e dos demais países, que vão depender dos proprietários das patentes;
- d) prevê-se a rápida diminuição da pequena e média agricultura que serão dominadas pelo monopólio da produção das empresas transnacionais. Compreende-se, portanto, a justa apreensão diante do problema dos transgênicos e a expectativa de que as sementes sejam declaradas patrimônio da humanidade e conservadas na sua integridade genética a serviço das gerações atuais e futuras. A mesma apreensão se reflete na "Carta da Terra", documento lançado no Senado no dia 11 de junho e assinada por 43 entidades que atuam no campo.
- e) Nasce daí a esperança de que as autoridades de nosso país, científicas e políticas, continuem aprofundando o estudo do problema e evitem qualquer decisão prematura que possa vir a causar danos imprevisíveis".  
Vale a pena conferir a íntegra do artigo.

### A outra economia

#### Qual é a 'outra economia'?

A importante revista semestral francesa *Revue du Mauss*, no. 27, primeiro semestre de 2003, dedica todo o número à discussão da Economia Solidária. A revista é editada pelo Movimento anti-utilitarista nas ciências sociais e o seu diretor é Alain Caillé. A revista, com 428 páginas constitui-se, pela qualidade e abrangência do material publicado, numa referência bibliográfica imprescindível para quem estuda, pesquisa e analisa a economia solidária. A revista abre com uma excelente resenha da atual discussão teórica sobre o tema. A resenha é feita pelo reconhecido intelectual Alain Caillé, autor de vários livros, inclusive alguns publicados em português. Vários pesquisadores brasileiros estão presentes na publicação. Luiz Inácio Gaiger, professor da Unisinos, assina o artigo "A economia solidária no Brasil"; Marcos Arruda, "A dívida é legítima?", Genauto Carvalho da França, "A economia solidária na França e no Brasil: visões cruzadas" e Heloisa Primavera, brasileira radicada na Argentina, "O último tango em Buenos Aires". Além destes autores, lá se encontram os artigos de Jean-Louis Laville, Serge Latouche, Amartya Sen e Bernard Perret. Além destes artigos vale a pena consultar os artigos de Marc Abélès, "Novas aproximações do dom no Vale do Silício" e o artigo "Inventar a gratuidade" assinado por um coletivo de artistas.

### Diálogo sobre a solidariedade

#### Um cardeal jesuíta e um filósofo italiano debatem o tema

Carlo Maria Martini, cardeal, arcebispo emérito de Milão, jesuíta e Massimo Cacciari, professor de filosofia estética na Universidade de Veneza, ex-prefeito de Veneza pelo PDS, da esquerda italiana, discutem o tema da solidariedade no livro *Diálogo sobre a solidariedade* traduzido para o português pela Editora da Universidade do Sagrado Coração – Edusc – Bauru, 2003. Para o cardeal 'somente quando também os entrelaçamentos complexos e articulados das estruturas econômicas, jurídicas, sociais e políticas de um país forem sustentados pelo reconhecimento de solidariedades possíveis, portanto necessariamente praticáveis – só então a solidariedade, como atitude moral, expressão comum e compartilhada da atenção pelo outro em cada seu aparecer, poderá desdobrar em grau máximo todas as suas potencialidades.

### **Cardeal Martini e a parábola do samaritano**

#### **Uma tradução atualizada**

O cardeal Martini, no livro acima citado, debate o tema da solidariedade a partir da parábola lucana do samaritano. Segundo o cardeal, renomado biblista, “a parábola diz, ressaltando que o samaritano se detém ao lado do ferido, não pelo fato de manifestar princípios de solidariedade social ou teorias sobre a igualdade de todos os homens (a respeito o texto cala-se) mas porque diz a palavra evangélica: ‘passando por perto o enxerga, e teve compaixão dele, olhou-o no rosto e escutou o coração’”. Aqui o cardeal faz uma tradução do texto evangélico extremamente inovadora e atual. Vale a pena conferir.

### **Massimo Cacciari e a individualidade total**

#### **Filósofo e político apresenta novas dimensões da solidariedade**

Massimo Cacciari apresenta no livro citado e recém publicado no Brasil, o conceito de solidariedade a partir do princípio do que ele denomina de “individualidade total”. Para ele, “eu sou um indivíduo, mas total. Na minha individualidade existe esta comunidade de indivíduos absolutamente distintos que se relacionam uns com os outros de modo essencial. Mas se eu me reconheço como individualidade total, não posso deixar de reconhecer como essencial para mim o rosto do outro. A relação com o outro é ontologicamente fundada e sobretudo necessária em cada casualidade”. Citando Woody Allen, “mas por que devo me importar com os pósteros? O que fizeram os pósteros por mim?”, o filósofo e político italiano comenta: “Na realidade, a geração que ainda não existe é uma das figuras por excelência do próximo, pois representa uma realidade que não está à minha disposição e nem posso agarrar. Os pósteros vão além do meu alcance, mas mesmo assim me dizem respeito: por quê? Porque devemos compreender que o outro está em nós – mesmo prescindindo da forma com que o tratamos, isto é, seja pelo fato de o amarmos, seja porque o odiamos, ou não signifique nada para nós”.

### **25 milhões de ricos têm renda equivalente a 2 bilhões de pobres**

#### **Relatório do Pnud sai amanhã**

O relatório de 2003 do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), a ser divulgado amanhã, terça-feira, apontará que os 25 milhões mais ricos dos EUA têm uma renda equivalente à dos 2 bilhões mais pobres do mundo. Segundo o Pnud, que considera “grotesca” a desigualdade mundial, graças à globalização cada vez mais pessoas estão cientes dessa situação no mundo. O que, na visão de analistas internacionais, tem reforçado a insatisfação com os EUA. A notícia foi publicada na **Folha de S. Paulo**, 3-7-03.

### **Alimentos transgênicos**

#### **A nova lei européia**

Foi aprovada semana passada a lei européia que obriga a identificar os alimentos geneticamente modificados. Trata-se de uma lei extremamente restritiva aos assim chamados alimentos Frankstein. Se a imprensa brasileira deu pouco destaque à decisão européia, nos jornais internacionais podem ser encontradas longas análises e opiniões sobre os organismos geneticamente modificados e sobre as repercussões da legislação européia sobre o tema. Assim, o jornal **Libération** 3-7-03, publica um grande dossiê sobre o tema que merece ser consultado. Por sua vez o jornal argentino **Clarín**, 3-7-03, analisa os efeitos da nova legislação européia para a Argentina, segundo maior produtor de alimentos transgênicos, especialmente soja e milho. A lei européia impõe a identificação, inclusive, da carne e do leite de animais alimentados com grãos transgênicos. Este tema, já abordado nas discussões do Instituto Humanitas Unisinos, será uma das pautas do boletim **IHU On-Line** no segundo semestre.

### A batalha apenas começou Economista analisa os seis meses de Lula

Paulo Nogueira Batista Jr. na **Folha de S. Paulo** de 3-6-03, na sua coluna semanal, reflete sobre os primeiros seis meses do governo Lula. Ele constata: "Reina uma certa perplexidade, no Brasil e, mais ainda, no exterior. A correspondente de um jornal argentino me dizia ontem: "Na Argentina, ninguém sabe realmente o que pensar do novo governo brasileiro; as referências se perderam". Ultimamente tenho me lembrado muito daquela frase do Tom Jobim: "O Brasil não é para principiantes". Mesmo o brasileiro escolado por décadas de Brasil fica, volta e meia, espantado com as reviravoltas que por aqui acontecem". Para Paulo Nogueira Batista Jr, pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP e professor da FGV-EAESP, "é intrigante a relação do establishment e dos meios conservadores com o governo Lula. Por um lado, elogiam (aliviados) a conversão dos novos governantes à ortodoxia econômica. Nos cantos mais improváveis do país, aparecem "neopetistas" dos mais variados e inesperados perfis. Recentemente, depois da duvidosa visita de Lula a Washington, esses setores comemoram ruidosamente a sua suposta capitulação à Alca (repare, leitor, que a Alca acabou entrando um pouco no artigo no fim das contas). Por outro lado, muitos "neopetistas" fazem questão de desgastar o governo Lula, apontando insistentemente as suas incoerências, o seu oportunismo e a infidelidade a seu programa econômico e às promessas eleitorais. Alcançam, assim, vários objetivos ao mesmo tempo. Desgastam um governo que não é, afinal, o governo dos sonhos dos donos do poder. Desmobilizam a sociedade, espalhando a sensação de que a luta acabou, que o governo se entregou etc. E, de quebra, desmoralizam o ideário da mudança econômica e social". O economista conclui a sua análise: "se o governo Lula for definitivamente domesticado, o pensamento crítico e as forças que lutam pela transformação e autonomia do país correm um risco que não pode ser desprezado: o de passarem a ser vistos como sonhadores do impossível, quixotes incuráveis, vendedores de ilusões, que, por burrice, teimosia ou romantismo, não enxergam a inevitabilidade do caminho "único".

### Governo argentino restringe o 'capital andorinha' EUA criticam decisão argentina

"A América Latina não é mais a mesma. Anteontem, o secretário do Tesouro dos EUA, John Snow, criticou a decisão da Argentina de restringir o livre fluxo do chamado "capital andorinha", de curto prazo. "Os controles de capital não são boas políticas, pois desestimulam o ingresso de fundos e bens de capital que são fundamentais para o funcionamento de uma economia", disse Snow. Segundo a correspondente da **Folha** em Buenos Aires, Elaine Cotta, a resposta do ministro da Economia da Argentina, Roberto Lavagna, foi que "não existe relação entre investimento de curto prazo e crescimento econômico". Este é o comentário de Luís Nassif na **Folha de S. Paulo** de 3-7-03. Para L. Nassif, "é óbvio que capital de curto prazo, em regime de liberdade cambial total, tem características conflitantes com o capital de investimento, por expor o câmbio a uma volatilidade disfuncional que espanta o capital bom. É óbvio e está comprovado na quebra da Argentina e do Brasil". Se a economia é complexa no entanto, há algo simples, como por exemplo, concluir "por A + B que é inviável a atração de investimentos com o câmbio desfavorável e a economia exposta a capitais de curto prazo, o interlocutor olha e conclui: "É muito simples para ser verdade". Essa é a maldição do subdesenvolvimento. Foi preciso a Argentina quebrar para aceitar o óbvio. Nem quebrando duas vezes o Brasil o descobriu". Referindo-se ao mea culpa do FMI em relação à Argentina e ao relatório do BIS - o banco central dos bancos centrais- identificando a vulnerabilidade externa brasileira como o maior constrangimento aos investimentos no país, o comentarista econômico escreve: "em 2002, a



dívida externa brasileira representava 395% das exportações, uma das proporções mais altas entre os mercados emergentes, superada apenas pela Argentina. "Uma economia com a conta de capital aberta é, se tudo o mais for igual, mais vulnerável quanto maior for a proporção de sua dívida denominada em moeda estrangeira e menor a sua receita de exportações", diz o BIS. Ou seja, o modelo de livre fluxo de capitais e de apreciação do câmbio, preconizado pelo BC de Gustavo Loyola e Gustavo Franco, mantido pelo BC de Henrique Meirelles, com a intenção explícita de criar um clima propício ao investimento, criou uma vulnerabilidade que afastou o investimento e, de novo, está plantando as sementes para uma nova crise cambial em um ponto qualquer do futuro". Vale a pena conferir a íntegra do comentário.

### **Rotas sexuais**

#### **O Brasil tem 241 rotas**

Segundo o jornal **O Globo**, 3-7-03, comentando a iniciativa da senadora Patrícia Saboya de propor a CPI da exploração sexual de crianças, jovens e mulheres, noticia que esta iniciativa está "revelando um drama desconhecido por muitos, ou omitido pelas autoridades que o conhecem. O Brasil tem 241 rotas terrestres, marítimas e aéreas de tráfico de crianças, jovens e mulheres para a exploração sexual no exterior e aqui mesmo. O principal destino é a Espanha, para onde há 33 rotas, mas levam também a Portugal, Holanda, Venezuela e Itália. As informações, levadas ontem à CPI, integram a Pesquisa Nacional sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes (Pestraf), realizada com o apoio da OEA pelo Centro de Estudos e Ações sobre a Criança e o Adolescente".

### **Cristovam convoca uma greve mundial**

#### **A intervenção do ministro na conferência da Unesco**

Márcio Moreira Alves, no jornal **O Globo**, 3-7-03, comparando Cristovam Buarque, ministro da educação, com Dom Helder Câmara, nos anos 1970, comenta a importante intervenção do ministro na recém realizada conferência da Unesco. Segundo Márcio Moreira Alves, "na parte introdutória, (o ministro) disse que a universidade, mil anos depois de criada, perdeu muitos de seus atributos originais. No passado, o saber era um estoque de conhecimentos que durava a vida inteira dos graduados. Hoje, é um fluxo, distribuído através de diversas antenas, sendo que a universidade é apenas uma delas. Um estudante atento, ligado na Internet, com acesso a revistas especializadas, pode até tomar conhecimento dos novos avanços de seu ramo da ciência antes de seus professores. Portanto, embora a universidade continue a ser o principal instrumento para reorientar o futuro da humanidade, nas últimas décadas, ela se desorientou. A economia, que serviu para aumentar o número de beneficiados pelo progresso, passou a ser o instrumento da mais brutal desigualdade já vista na história. A própria democracia, inventada para estados-cidades, apresenta-se fraturada e incompetente nos tempos em que um presidente eleito tem poder sobre todo o planeta e sobre séculos futuros. Os partidos políticos, que criavam esperanças à direita e à esquerda, viraram motéis eleitorais. A Justiça se tornou incapaz de definir limites ao poder político. As religiões, que sempre foram guardiãs do costumes, se sentem impotentes para frear o avanço do individualismo. As empresas, que criavam os empregos, hoje os destroem. As Nações Unidas, em vez de se tornarem a sede de um governo mundial, passaram anos se submetendo ao poder de veto das grandes potências e, quando elas se dividem, ficam impotentes. A própria ciência, que foi o orgulho de toda a Humanidade ao longo de 300 anos, chega ao século XXI destruindo o planeta e manipulando a vida. Resta pouca esperança de se construir novas utopias mas, se observarmos as instituições que sobreviveram os últimos mil anos, fica ainda a esperança na universidade. Para que ela seja, entretanto, o instrumento da esperança, é preciso que se lute por sua transformação".

Segundo o jornalista Márcio Moreira Alves, “entre as transformações que Cristovam propôs, uma certamente terá dificuldade em ser aceita pelas corporações universitárias: tornar temporários os diplomas que outorgam, tal como acontece com as carteiras de motoristas. Os diplomas se tornariam caducos pelo progresso do conhecimento, e os profissionais teriam de provar periodicamente que acompanharam esse progresso para revalidar seus diplomas. Finalizando, Cristovam propôs um dia de greve universitária universal. Disse que todos os presentes estão acostumados a greves, geralmente reivindicando aumentos salariais. Não custaria muito promover um dia de discussões e debates entre as comunidades universitárias para pensar o futuro dessas instituições”.

### **Homenagem ao mestre – Pe. Clemente Steffen**

**O Jornal do Comércio**, 1º de julho de 2003, publica a seguinte carta que reproduzimos na íntegra:

“Não somente aqueles que tiveram o privilégio de conhecer o padre Clemente José Steffen s.j. em seu ‘habitat’, mas também os que leram ou assistiram suas palestras e entrevistas sobre sua obra sabem reconhecer o valor deste homem, seguidor dos ensinamentos de Jesus e divulgador do amor e respeito à natureza. Dotado de grande conhecimento e sabedoria, cultivados mais pelo observar do que pelo falar, através de sua formação e prática acadêmica o padre Clemente foi um verdadeiro educador, sempre inovador e progressista, que tinha no ‘concreto’ seu material didático. Vestido com roupas confortáveis, muitas vezes só de calção e um facão, abria picadas nas matas, durante saídas pedagógicas a campo, oportunizando aos alunos o observar nativo e ‘in loco’ do trabalhado em aulas expositivas. Sua figura bonita, forte, transpirando bondade, recebia todos com um sorriso carismático, olhar habilmente tímido e entusiasmo infantil. O professor Clemente, com sua hospitalidade, era como um oásis em um deserto árido, para todos os estudantes de História Natural, Ciências Físicas e Biológicas e Biologia. Ao ser questionado sobre algum assunto que não dominasse, fora de suas especialidades, Fisiologia Vegetal, Ecologia ou Ervas Medicinais, tinha sempre um livro, não só para indicar, mas para emprestar, oportunizando a pesquisa. Em sua despedida desta vida teve a presença de uma multidão de colegas, amigos, ex-colegas e muitos ex-alunos. Era o preferido para oficializar casamentos e sempre o paraninfo escolhido. Recebeu em vida muitas homenagens, sabendo assim o quanto era estimado e reconhecido, como na festa de seus setenta anos, ocasião em que, antes de um festivo churrasco, inaugurou, emocionado, no Campus da Unisinos, próximo de sua sala, uma praça com seu nome. Deixa uma saudade intensa, um livro quase acabado e uma linda mensagem de vida, seguindo com seu calma, serenidade e gestos amplos, seu trabalho, organizando equilibrados jardins celestiais”. *(Carta escrita por Maria Marlowa Brodbeck, ex-aluna e primeira monitora do Pe. Clemente Steffen, falecido em 14 de abril deste ano, que foi professor do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos. O IHU On-Line número 56, de 22 de abril de 2003, teve como matéria de capa a vida e obra do Pe. Clemente Steffen).*

### **O governo Bush e as ONGs**

#### **Naomi Klein denuncia o seu enquadramento pelos EUA**

Naomi Klein, autora do importante livro “No Logo”, traduzido também para o português, num artigo publicado no jornal argentino **Clarín**, 3-7-03, analisa a política de perseguição e tentativa de enquadramento das Organizações Não-Governamentais norte-americanas. “O governo do presidente George W. Bush encontrou o novo alvo da sua guerra preventiva. Não se trata do Irã, Síria ou Coréia do Norte. Ao menos por enquanto. Antes de se lançar em novas aventuras no estrangeiro, o grupo de Bush se encarrega de tarefas domésticas e enfrenta estas fastidiosas organizações não-governamentais que estão ajudando a colocar a opinião pública

mundial contra as bombas e as marcas registradas dos Estados Unidos”. Vale a pena conferir a íntegra do artigo.

## AVISOS DA COORDENAÇÃO

### O lugar da teologia na universidade do século XXI Simpósio Internacional de 2004 na Unisinos

Na última segunda-feira, dia 30 de junho, a coordenação reuniu-se com a comissão de organização do *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI* a ser realizado na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004. Participaram do encontro o Pe. João Geraldo Kolling, o Prof. Dr. Pe. Marcelo Aquino, Vice-Reitor da Unisinos, a Prof<sup>a</sup>. Haide Maria Hupffer, o Prof. Dr. Pe. José Roque Junges e Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da Área de Concentração Teologia Pública do IHU. Foi analisado o objetivo do simpósio, que é discutir o lugar da teologia na universidade do século XXI, celebrando a memória do centenário de nascimento de Karl Rahner (5-3-1904). Três convidados internacionais já confirmaram sua participação como conferencistas: Bruno Forte, John Milbank e Michel Amaladoss. O primeiro, teólogo católico italiano, o segundo, teólogo anglicano inglês e o terceiro, teólogo jesuíta indiano.

### Simpósio Internacional O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI Estratégias de divulgação

As estratégias de divulgação e marketing do Simpósio Internacional O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI foram pauta da reunião realizada no último dia 3 de julho, entre a coordenação do IHU e Ricardo Petry de Andrade, coordenador do setor de Publicidade e Propaganda da Agência Experimental em Comunicação, Carolina Rosado dos Santos, Anderson Pereira Waiteman e Isabel Cristina Nunes Lima, do Departamento de Comunicação Social e Marketing da Pró-Reitoria de Desenvolvimento da Unisinos.

### Curso de Ecumenismo

A coordenação do IHU reuniu-se com o reverendo Francisco de Assis da Silva, secretário executivo do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria (CECA), e com Romi Márcia Bencke, assessora do CECA e coordenadora do Programa Fé e Cidadania da instituição, Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas e Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da Área de Concentração Teologia Pública do IHU. No encontro, discutiu-se a parceria entre o Instituto Humanitas Unisinos e o Ceca para a realização de um curso de extensão sobre os fundamentalismos no início do século XXI. Também tratou-se de um maior intercâmbio de informações sobre a realização da Assembléia geral do Conselho Mundial de Igrejas que se realizará em 2006 em Porto Alegre.

### Outros Cinemas

No dia 2 de julho, os professores Vitor Necchi Alves, coordenador do Curso de Realização Audiovisual, e Milton Porto, do Centro de Ciências da Comunicação, estiveram reunidos com a coordenação do IHU para falar sobre um novo projeto que terá o estudo do cinema como pano

de fundo. O nome do projeto será *Outros Cinemas*. Este projeto, como os leitores e leitoras, devem se lembrar, se chamava anteriormente, *Quarta às quatro*. Ele visa à apresentação de filmes, com debates, sempre às quartas-feiras, das 16h às 19h, e será uma promoção do IHU em parceria com o Centro de Ciências da Comunicação e com o Curso de Realização Audiovisual.

### **Humanitas Arte**

No dia 2 de julho, a coordenação do IHU, juntamente com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia, entregaram e apresentaram ao Prof. Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna, Pró-Reitor Comunitário e de Extensão da Unisinos, o projeto do *Humanitas Arte*, evento promovido pelo IHU. Para o segundo semestre, de 6 a 17 de outubro, está programada a apresentação do artista plástico Paulo Chimendes.

### **40 anos do Golpe de 1964**

No dia 3 de julho, a coordenação do IHU esteve reunida com o prof. Dr. Flávio Heinz, professor do PPG de História da Unisinos. Em discussão esteve a proposta da realização do Seminário Internacional sobre os 40 anos do golpe militar de 1964. O evento acontecerá nos dias 29 de março a 1º de abril de 2004, no auditório Pe. Werner da Unisinos. O evento pretende propiciar o diálogo da universidade e demais segmentos da sociedade civil em torno de um tema da maior importância para a estruturação do campo da política e dos movimentos sociais no Brasil atual. O seminário pretende reunir estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento, nacionais e internacionais. O evento, uma promoção do IHU e do PPG de História, seria também um momento celebrativo dos 40 anos do Curso de História da Unisinos. Para estudar a viabilidade econômica e as estratégias de divulgação do evento, participaram da reunião Paula Carvalho, da Área de Negócios da Unisinos, Carolina Rosado dos Santos e Anderson Pereira Waiteman, do Departamento de Comunicação Social e Marketing da Pró-Reitoria de Desenvolvimento da Unisinos.

### **50 anos do suicídio de Vargas**

A coordenação do IHU reuniu-se com o prof. Dr. Flávio Heinz, professor do PPG em História, no dia 3 de julho, para discutir a viabilidade e pertinência acadêmica de um evento acadêmico, no segundo semestre de 2004, para estudar o governo Vargas, 1950 a 1954, tendo em vista o cinquentenário do suicídio de Getúlio Vargas. Uma abordagem histórica, política, econômica e social poderia contribuir para entender melhor a realidade brasileira hoje. Novos encaminhamentos para a concretização do evento foram vislumbrados.

# EVENTOS IHU

## Cadernos IHU Idéias

### Uma nova publicação da Unisinos

Com a presença de professores e professoras da Unisinos, de coordenadores de PPGs, de toda a direção do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, do diretor da Editora Unisinos, alunos e alunas, funcionários e funcionárias, foram lançados, no dia 30 de junho, os *Cadernos IHU Idéias*. Quatro números iniciam a coleção. A apresentação gráfica e a nova iniciativa foi saudada por várias pessoas presentes. Os professores doutores José Nedel, Luiz Gilberto Kronbauer, a professora doutora Edla Eggert, a profa. MS Clair Ribeiro Ziebell e as acadêmicas do Curso de Serviço Social da Unisinos Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss e a jornalista Sonia Montañó autografaram os quatro cadernos. Os exemplares podem ser adquiridos na Livraria Cultural e/ou solicitados no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

## Ciclo de Estudos sobre o Brasil

Já está definida a programação do Ciclo de Estudos sobre o Brasil - 2ª. Etapa, que se realizará durante o segundo semestre de 2003. O Ciclo de estudos visa o estudo das obras clássicas sobre o Brasil. Na primeira etapa do Ciclo, realizada durante o primeiro semestre deste ano, foram estudados os livros de **Casa Grande & Senzala** de Gilberto Freyre, **Raízes do Brasil** de Sérgio Buarque de Holanda, **Os Sertões** de Euclides da Cunha. Confira a programação da segunda etapa:

Data: 14 de agosto

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: "*Formação do Brasil Contemporâneo*" - Caio Prado Júnior

Profª. MS Márcia Eckert Miranda – Professora na Unisinos

Data: 11 de setembro

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: "*Formação Econômica do Brasil*" - Celso Furtado

Prof. Dr. André Moreira Cunha – Professor na UFRGS

Data: 09 de outubro

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1C103

Livro: "*A Revolução Burguesa no Brasil*" - Florestan Fernandes

Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva - Pesquisador na FEE

Data: 16 de outubro

Horário: 20h às 22h

Local: Auditório Central

Tema: *Perspectivas do Brasil com o novo governo*

Prof. Dr. Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira - Professor na USP

Data: 23 de outubro

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1C103

Tema: *A contribuição do gaúcho para a construção da identidade nacional*

Prof. Dr. Donaldo Schüler - Professor (aposentado) na UFRGS

### IHU Idéias

Acompanhe a seguir a programação do *IHU Idéias* para o mês de agosto:

07/08/03 – “Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre seu conteúdo essencial – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio – Professor na Unisinos

14/08/03 – “Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular” - Profª. Drª. Edla Eggert – Professora na Unisinos.

21/08/03 – “A ciência é masculina? É sim senhora” – Prof. Dr. Áttico Inácio Chassot - Professor na Unisinos

28/08/03 – “Igreja Universal do Reino de Deus: Igreja? Empresa? Partido Político?” – Prof. Dr. Ari Pedro Oro – Professor na UFRGS

### Abrindo o Livro

No próximo dia 26 de agosto, das 19h45min às 22 horas, realiza-se a próxima edição do evento **Abrindo o Livro**. O livro a ser apresentado e debatido é *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção Theologia Publica 3). Quem conduz o debate é o Prof. Dr. Pe. Frei Luiz Carlos Susin, professor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

## IHU REPÓRTER

### Sérgio Francisco Endler

*Natural do bairro Partenon e segundo filho de um colono sem terra e uma professora primária que deixaram Venâncio Aires em busca de uma vida melhor, Sérgio Endler é jornalista, doutorando em comunicação na Unisinos e vice-diretor do Centro de Ciências da Comunicação. Amigo inseparável do rádio e do futebol desde a infância, Sérgio traz à tona lembranças antigas, projetos atuais e sonhos ainda não realizados. Seu jeito simples e bondoso deixa transparecer a maneira como as mais diversas experiências de vida podem moldar uma personalidade que combina, no cotidiano, a partilha amistosa com alunos e amigos, a mais acirrada discussão sobre futebol, a seriedade da pesquisa científica e a preocupação social.*



**Exemplos-** De minha mãe, herdei o gosto pela educação, o que eu descobri depois de me tornar professor. De meu pai, a paixão pela comunicação. Com ele aprendi a amar o rádio, a ler jornal e a me comunicar com as pessoas.

**Infância-** Joguei muito futebol e tinha o sonho de me tornar um grande jogador, como a maioria dos meninos pobres de nosso país. Joguei no Internacional Mirim com o legendário “seu Jofre”, que depois foi o treinador de Roberto Falcão, entre outros. Aos 12 anos, fui ao Rio, conheci o Maracanã, o Museu de Arte Moderna, entrei pela primeira vez na Central do Brasil. Foram experiências humanas e estéticas que me abriram novos horizontes na época. Um lugar de aprendizado para mim, além da Escola Santo Antônio, na qual estudava, foi o bar do Tio Chico (um tio meu) onde trabalhei, a partir dos 12 anos. Lá conheci inúmeras pessoas que interagiam, discutiam vontades e desejos dos outros, do mundo. Depois estudei no Júlio de Castilhos, um espaço de politização. Enquanto o País estava vivendo um momento sombrio, após o AI 5, o “Julinho” era um lugar de resistência e contestação através do comportamento e da música. Curtíamos muito o rock, MPB... Foi um tempo fabuloso e envolvente.

**Novas Experiências-** Quando estava no segundo grau, tinha muito desejo de sair do País e ter outras experiências. Procurei possibilidades de bolsa de estudo e acabei nos Estados Unidos, lugar pelo qual sentia uma certa atração, pelo lado cultural (o rock, o novo jornalismo, a poesia bit) e ao mesmo tempo rechaço, pelo império político. A bolsa foi concedida por uma instituição pacifista. Lá terminei o último ano de segundo grau e morei na grande Los Angeles, com uma família fantástica, James Richard e Amalie Phelan, ele é escritor e jornalista. Ver o Brasil de fora sempre possibilita vê-lo mais de dentro, vê-lo melhor. Comecei a fazer certas relações que me ajudaram a compreender melhor o mundo. Vi diferenças entre o estilo de vida comum em um País que gasta 50% da energia mundial e entre o dos moradores do Partenon, por exemplo.

**Trajetória-** Depois dessa experiência, voltei sabendo Inglês, o que me permitiu exercer a função de professor dessa língua. Durante a faculdade de jornalismo, na UFRGS, trabalhei como bolsista na produção e apresentação de programas na rádio da Universidade. Depois trabalhei nas rádios Gaúcha, Guaíba, Bandeirantes. Na Gaúcha, convivi com um grupo de colegas que buscava uma alternativa diferente para o radiojornalismo e o esporte. Criamos um modelo chamado rádio Sucesso, que depois foi para a rádio Difusora. Voltei para imprensa escrita na reabertura do Correio do Povo. Integrei a equipe de Assessoria de Imprensa da Secretaria de Ciência e Tecnologia e ingressei no corpo docente da Unisinos. Durante o Governo de Olívio Dutra, trabalhei na Assessoria de Imprensa da Secretaria de Justiça.

**Família-** Paula e eu estamos casados há 14 anos e temos Guilherme, de 12 anos. Paula estudou letras e jornalismo, mas não concluiu, agora está voltando a estudar e cursará Direito. Conhecemo-nos numa livraria. Ela era funcionária, e eu fui lá para comprar livros. Paula é extremamente generosa e ativa. Ela é também artista, pinta telas e trabalha em madeira. Guilherme é um menino muito talentoso. Com certeza, será melhor que o pai.

**Uma grande paixão-** As pessoas, o futebol, o rádio, a cultura brasileira.

**Nas horas livres-** Descanso e me envolvo com minhas paixões. Sempre estou ouvindo rádio, ou convivendo com as pessoas, ou lendo. Na realidade, atualmente, não tenho horas livres. Pelo menos não, até terminar o doutorado no final do ano.

**Autor-** Faria duas homenagens: Hermilo Borba e Mário Quintana. Com ambos tive muita convivência.

**Livro-** O livro é sempre bom amigo, mesmo quando não é bom. O conto ou romance ruim nos permite reescrevê-lo, reinventá-lo até. O livro que nos causa grande encantamento ou grande iluminação, também nos arrebatava. Mas, o grande livro é aquele que dá muito o que pensar ou muito o que sentir.

**Filme-** Em vez de filme diria diretores que são escola. Godard, Herzog, Fellini, Hitchcock, Antonioni. A produção brasileira, desde a Chanchada da Atlântida tardia até a produção da Embrafilmes dos anos 70, especialmente Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues. A Casa do Cinema de Porto Alegre, aí destacaria meus colegas na Gaúcha, Giba de Assis Brasil e Jorge Furtado.

**Unisinos-** Minhas experiências no jornalismo foram múltiplas: desde jornalismo gráfico, jornalismo cultural, radioesportivo, radiocultural, algumas experiências em TV, Assessor de Comunicação, etc. De todas essas experiências, a Unisinos é a mais duradoura e a mais frondosa.

**IHU-** É plenamente coerente com o nome. O IHU é um pólo singular de humanismo entre nós.

**Um grande sonho-** O grande e verdadeiro sonho de um indivíduo é segredo e, por pudor, não devemos midiaticizá-lo. O sonho do cidadão é relacionado à Polis e é público: em meu caso é relacionado à justiça social, ao pleno emprego e à educação plena.

## INTERATIVO

### Sala de Leitura



“O livro que estou lendo no momento intitula-se ***História das mulheres no Brasil*** e é uma coletânea de textos editada em parceria pela Editora da Unesp e a Editora Contexto, 678 p. A obra foi organizada por Mary del Priore, com coordenação de textos de Carla Bassanezi. O volume que tenho já pertence à 5ª edição, feita em 2001, e conta, a partir da abordagem de diversos autores, a trajetória da mulher no Brasil, desde o comportamento indígena, como viviam nossas índias, até o comportamento e o padrão social que envolve a mulher brasileira nos dias de hoje. A visão da mulher como ser social, esposa, mãe e trabalhadora ao longo de cinco séculos de história é o fio condutor do livro, colocando-a como personagem central na trajetória de nossa sociedade. Considero-o leitura indispensável para as mulheres contemporâneas, mas acho que muitos homens tirariam dele bom proveito”.

*Profª Drª Renata Guimarães Netto, doutora e mestre em Geociências, professora do PPG em Geologia da Unisinos e responsável pelo Núcleo de Estudos Sedimentológicos e Estratigráficos – NESSE, do PPG.*





“Na busca de fontes para pensar o papel cultural do riso no contexto televisivo brasileiro, deparei-me com uma obra que, no momento, está me divertindo muito: **História do riso e do escárnio**, de Georges Minois, publicado pela Editora Unesp, em 2003, numa tradução muito boa, feita por Maria Elena Ortiz Assunção. Trata-se de uma viagem de 653 páginas, que parte do riso no mito grego, passa pelo satírico e grotesco na cultura romana, pela diabolização do riso na alta Idade Média, pelas gargalhadas ensurdecadoras de Rabelais, pela zombaria blasfematória dos libertinos, pela santa zombaria pascalina e assim por diante até a midiaticização e banalização do riso no século XX. No embalo de Mr. Fukuyama, não estaríamos, hoje, diante da morte do riso? Mas... como não terminei a leitura, ainda não sei se posso rir disso”.

*Prof. Dr. Adayr Tesche, doutor em Lingüística e Letras, mestre em Letras, e professor do PPG em Comunicação da Unisinos.*



“Li e gostei muito de **O Processo**, do escritor tcheco Franz Kafka. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-2001. Tradução de Modesto Carone. No livro, o bancário Josef K. é intimado a depor em um processo instaurado contra ele. Mas, enredado em uma situação cada vez mais absurda, o personagem ignora que é acusado, quem o acusa e até mesmo onde fica o tribunal. A obra faz uma reflexão filosófica sobre a existência humana, concebida como um processo judiciário. Ou assumimos nossa vida como um processo, ou a delegamos para que alguém nos defenda e assuma por nós, que seria o caso do advogado. O livro também aborda a descrição psicológica, a partir da reflexão sobre o sentimento de culpa no ser humano e como ele lida com essa culpa. Além disso, também faz uma reflexão social e ética sobre a questão da advocacia e da justiça, que, muitas vezes, não resolve os casos. É um livro completo por abordar diversas perspectivas”.

*Prof. Dr. Luiz Rohden, doutor e mestre em Filosofia, e professor do PPG em Filosofia da Unisinos.*

## Meu Clássico

### Sergio Paulo Rouanet responde

*Na edição de hoje, trazemos os autores de influência para Sergio Rouanet. A entrevista foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 8 de junho de 2003. Sergio Paulo Rouanet é ensaísta e professor visitante na Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Diplomata de carreira, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Rouanet acaba de lançar **Os Dez Amigos de Freud** (em dois volumes, São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 864 páginas). Também é autor de **Razão cativa**. São Paulo: Brasiliense, 1985; **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983; **O Homem e o discurso - A arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.*

#### **Qual é o autor que mais influenciou a sua formação intelectual?**

Sem dúvida, Marx. Mas houve várias etapas na apropriação de Marx no Brasil. Passei por quase todas, menos pelo stalinismo, que sempre me inspirou uma franca aversão. Eu estava preparado para uma leitura hegelianizada de Marx graças às aulas sobre a "Fenomenologia do Espírito" [de Hegel], dadas na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) por esse

extraordinário professor, totalmente inocente de simpatias marxistas, que foi Jerzy Zbrozek. Essa predisposição, somada à influência da vaga existencialista que chegara ao Brasil nos anos 50, me levou a achar que o "verdadeiro" Marx era o dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, profeta de um marxismo humanista, misto de Hegel e de Feurbach, com laivos de Kierkegaard, que faziam com que o conceito de alienação parecesse mais importante que o de mais-valia. Depois descobri Althusser, que me convenceu de que tudo isso pertencia à fase metafísica de Marx, de que o Marx que contava era o posterior ao "corte", o Marx duro e puro do materialismo histórico. Foi nessa fase que passei a ler sistematicamente *O Capital*. Mas as sucessivas autocríticas de Althusser, motivadas, em parte, por sua ligação com o Partido Comunista francês, me levaram a buscar outros rumos, que assumiram, no que diz respeito ao marxismo, a forma de um interesse crescente por Gramsci e, mais tarde, por Walter Benjamin e pela Escola de Frankfurt - Marcuse, Adorno e Horkheimer.

#### **Qual o autor que mais responde a suas inquietações atuais?**

Não se pode falar em um só filósofo, mas sim numa perspectiva filosófica. Em grande parte, essa perspectiva tem como eixos as figuras de Marx e Freud. Quanto a Marx, ele está longe de ocupar o lugar dominante que tinha em meu passado filosófico. Mas a queda do Muro [de Berlim] não o transformou num autor obsoleto. Chego a suspeitar que é somente agora, quando o marxismo é dado por morto, que algumas de suas teses clássicas - como a que denuncia o caráter maciçamente excludente da economia capitalista - podem encontrar sua validação, pois o processo de globalização neoliberal está tendendo a eliminar contratendências (políticas keynesianas, Estado de Bem-Estar Social, ação sindical) que antes serviam como amortecedores, protegendo o sistema e bloqueando a realização das previsões de Marx. Quanto a Freud, é impossível compreender a ressurreição contemporânea de velhas patologias, como o fundamentalismo, o nacionalismo, o racismo, a agressividade interétnica e o terrorismo, tanto o religioso como o de Estado, praticado por Bush e [o primeiro-ministro israelense Ariel] Sharon, sem o auxílio de categorias como narcisismo de grupo, pulsão de morte, medo da castração e nostalgia da horda. Sem prejuízo de autores mais recentes, Marx e Freud representam, assim, os dois pólos do Iluminismo moderno.

#### **Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?**

Jürgen Habermas. Foi ele que nos revelou o duplo rosto da modernidade, ao mesmo tempo o reino da racionalidade sistêmica, voltada para a adequação de meios a fins, e o lugar da racionalidade comunicativa, voltada para o entendimento mútuo, através da argumentação racional. É o verdadeiro herdeiro do Iluminismo contemporâneo, o primeiro a recodificar segundo um paradigma pragmático-lingüístico os ideais clássicos da Ilustração e a demonstrar que, sob essa forma, aqueles ideais continuam relevantes para o presente.

## **Cartas do leitor**

A nova versão do *IHU On-Line*, chega em PDF. É ruim para abrir, é ruim para ler e não permite a 'colagem' (copiar e colar) dos textos. Não é possível nos enviar por Word, como era antes? Particularmente, achava bem melhor (inclusive para arquivar).

*Cesar Sanson  
Cepat – Curitiba*

*IHU On-Line* estará de recesso nas duas próximas segundas-feiras. Nossa próxima edição será na segunda-feira, dia 28 de julho de 2003

**EXPEDIENTE:**

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Prof<sup>ª</sup> MS Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: [lhuinfo@poa.unisinos.br](mailto:lhuinfo@poa.unisinos.br) Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS